LIRA, O TRAIDOR PRESIDENTE DA CÂMARA PUXA O TAPETE DO AMIGO ELMAR NASCIMENTO EM FAVOR DE HUGO MOTTA, COMO CANDIDATO À SUA SUCESSÃO, E CONGRESSO VIRA UMA CASA DE NEGOCIATAS E FISIOLOGISMO



ISTOÉ





Barraco ao vivo
Datena dá pancada com cadeira em Marçal no debate eleitoral da TV Cultura

A POLÍTICA ACABOU?

A **arte do debate de ideias** parece ter chegado ao fim. As cenas de Pablo Marçal com **postura vulgar, acusações sem provas e palavreado de criminoso,** enquanto José Luiz Datena **reage com cadeirada e palavrões,** são sintomas mais recentes de que a **habilidade da negociação republicana foi extinta** na política. Subproduto do governo Bolsonaro, o **esgoto de baixarias contamina de extremistas do Congresso a militantes fanáticos.** Lema: quem pensa diferente é inimigo. Mas é possível **identificar esses sabotadores** e contribuir para o fim do pesadelo

Daniel Sousa
Ex-atleta
e marido da Bia



bradesco

LEONARDO TREVISAN

Professor e pesquisador

"NÃO É MAIS PRECISO DERRUBAR PORTÃO DE PALÁCIO PARA DAR GOLPE"

Por Eduardo Marini



ERRO "Brasil não deveria mandar Amorim à Venezuela no momento em que observadores internacionais eram barrados"

O pesquisador Leonardo Trevisan é o especialista em Relações Internacionais que melhor traduz, no País, o internacionalês, vocabulário típico da área, para uma linguagem compreendida pelo público leigo. Habilidade desenvolvida porque, além de consumir o material acadêmico de seu trabalho, ele é leitor voraz de jornais e revistas brasileiras e, sobretudo, das mais consistentes e respeitadas publicações jornalísticas do mundo. Não raro, embasa comentários com citações da imprensa internacional. Graduado em História, mestre em História Econômica e doutor em Ciência Política pela USP, pós-doutor em Economia do Trabalho pelas universidades britânicas de Londres e Warwick, Trevisan é professor titular da ESPM-SP e da PUC-SP. Nesta entrevista à ISTOÉ, ele analisa aspectos da campanha eleitoral americana, incluindo o último debate entre Kamala Harris e Donald Trump, as trapalhadas de Nicolás Maduro na Venezuela, os protestos contra o presidente Emmanuel Macron na França, o conflito entre Israel e Gaza e a Guerra entre Rússia e Ucrânia.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/ESPM; PEDRO RANCES MATTEY/AFP



O que o senhor achou do debate entre Kamala e Trump?
Houve uma mudança de estratégia dos democratas. Eles sempre se apresentaram, nas eleições, com uma atitude sobranceira, elevada, às vezes defensiva, apostando em ideias e na democracia. Pela primeira vez, mudaram completamente de tática. Partiram para o ataque. Kamala entrou no debate, não esperou Trump, caminhou até ele e apertou sua mão olhando firme nos olhos, como se quisesse dizer: 'eu não tenho medo de você'. Essa imagem pontuou o debate.

Quais eram os objetivos?
Ela tinha intenção de explorar três posições. A primeira, se apresentar a um eleitor que não a conhecia — pesquisas mostravam que, até o início do debate, 28% dos americanos não sabiam seu nome. A segunda era tornar visíveis as falhas de Trump, o que ela também conseguiu. E a terceira, se desvincular da herança negativa de Biden — e nisso, por obra suprema de ironia, até Trump ajudou a acontecer. Em determinado momento, foi enfática ao respondê-lo: 'o senhor não sabe com quem está falando; eu não sou Biden'.

Em que temas ela se saiu melhor?
A defesa do aborto como direito da mulher foi um deles. Esta eleição é dos grandes temas. O aborto é um deles e ela foi muito bem. As questões de gênero são importantes agora porque na Geração Z, que começa a tomar conta do mundo, inclusive financeiramente, Trump tem 13 pontos percentuais à frente entre os homens — e Kamala, 38 acima entre as mulheres. Isso terá peso eleitoral brutal.

E na questão do bolso? Trump teve avaliação ligeiramente melhor nas questões econômicas...
Verdade, mas Kamala foi hábil ao não mergulhar em questões técnicas e reforçar que estava preocupada com dificuldades sociais. Prometeu ajudar com US$ 25 mil (R$ 137 mil) quem estiver regularizado para comprar a primeira casa própria. Pais com crianças pequenas poderão ser ajudados com até US$ 6 mil (R$ 32,9 mil). Essas coisas tornam reais as promessas democratas de vender esperança e mudança. As pesquisas *The New York Times/Siena College* mostram que 61% dos americanos querem mudanças - um espanto para uma das sociedades mais conservadoras do mundo.

Ficou claro também que ela adotou um discurso mais leve e menos acadêmico...
Kamala foi professora universitária e procuradora-geral da Califórnia, o mais rico estado americano. Nos EUA, como no Brasil, existem diferenças geradas por questões regionais. Americanos do Meio-Oeste e de pontos do interior do país costumam resistir ao sotaque urbano e à postura supostamente arrogante de californianos e nova-iorquinos. Pesquisas dos democratas identificaram essas resistências, e outra, relacionada ao discurso mais refinado, essa última, inclusive, explorada por Trump sempre que pode. Essas questões foram muito amenizadas. Neste ponto, os assessores foram eficientes.

É possível fazer alguma previsão de resultado?
Por enquanto não.

> "O governo brasileiro, com a postura inicial após as eleições presidenciais na Venezuela, passou de fiador a responsável por Maduro – esse foi o erro grave"

Dos EUA para a Venezuela. O governo Lula demorou a adotar posição firme sobre o desmando de Maduro?
A posição conciliadora do Planalto nessa questão não é nova. Em outubro de 2023, o governo brasileiro foi fiador do Acordo de Barbados, atendendo EUA e União Europeia, usando a posição de governo democrático na América Latina para convencer Maduro a fazer uma eleição limpa em troca, sobretudo, da diminuição das sanções americanas. Os EUA fizeram sua parte, a Venezuela não, e o Brasil, com a postura inicial após as eleições, passou de fiador a responsável por Maduro — e esse foi o erro grave. Para usar uma expressão bem nossa, no início o Brasil tentou ficar em cima do muro. Jamais poderia ter enviado Celso Amorim, uma de suas maiores autoridades diplomáticas, para ficar em Caracas durante e nos dias após as eleições, enquanto os observadores dos outros países sequer conseguiam entrar na Venezuela. Foi uma exposição de fragilidade que deixou o Planalto em situação extremamente delicada.

A dificuldade de unificar internamente o PT numa decisão mais rígida contra Maduro influiu na demora do Planalto?
Sim, certamente. As alas mais moderadas do PT até poderiam aceitar, com ressalvas, uma posição mais dura, mas ela certamente seria alvo de críticas e descontentamento por parte dos setores mais à esquerda do partido. Para Lula ou qualquer líder político petista no Executivo, fica muito difícil contrariar, sobretudo em período eleitoral, essas alas de militância que, no fundo, tocam o partido. A bem da Justiça, é preciso lembrar que Lula disse publicamente ter achado antecipada a nota do PT saudando a reeleição e qualificando o processo eleitoral, logo após a divulgação dos resultados, de limpo e legítimo. E isso aconteceu depois da divulgação dos resultados, sem atas, pela Justiça eleitoral controlada por Maduro. >>

O senhor diz que golpes de Estado e projetos de perpetuação no poder não precisam de tanques para derrubar barreiras e portões e invasões de palácios. Como é isso?
Isso ocorre sobretudo nos casos em que alguém já controla o poder, seja a partir de uma eleição inicial, legítima ou aparentemente limpa, ou de um golpe armado clássico. Apenas explico, de forma simples, a teoria dos cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt no best-seller mundial Como As Democracias Morrem. Em resumo, uma vez no poder, o líder do projeto golpista militariza os setores mais lucrativos do sistema financeiro e da sociedade civil de um país em troca de benesses, sinecuras e contratos de importação e exportação com comissões polpudas a militares graduados. Com isso, garantem proteção militar interna e externa e, às vezes, aval para a implantação de milícias paramilitares. Além disso, toma o controle dos altos tribunais das justiças civil e eleitoral, com a mesma tática de oferta de vantagens. Pronto: está montado o cenário para o golpista ter poder enquanto quiser e, obviamente, conseguir manter esses presentes a militares, cúpulas policiais e judiciárias.

É o que ocorre na Venezuela?
Exatamente.

Na França, a esquerda sentiu-se traída por Macron, que escolheu para primeiro-ministro Michel Barnier, conservador ligado à extrema direita de Marine Le Pen, que ficou em terceiro lugar nas eleições...
A ascensão da direita com feições fascistas — tenho muita cautela com essa palavra — é preocupante. Há, sem dúvida, um número cada vez maior de europeus fazendo sinais, namorando essa fase negra da história do continente. As eleições recentes na Alemanha foram vencidas pela direita com esses viés com mais de 50% dos votos em algumas regiões. Há um risco continental. Meu medo não é do fim do governo Macron, mas da encruzilhada que deverá surgir na próxima eleição presidencial. Macron não poderá mais ser candidato, a centro-esquerda, a esquerda, a centro-direita e a direita civilizadas francesas não possuem um nome de peso e... tem Marine Le Pen. Os italianos foram para a extrema-direita com Giorgia Meloni, mas se controlaram. Não, não é a mesma coisa. A Itália recebeu mais de 200 bilhões de euros (R$ 1,220 trilhão) em ajuda, em parcelas mensais, da União Europeia, via Banco Central Europeu, para financiar projetos de modernização de infra-estrutura e se permanecer bem comportada no continente unido, sem arroubos de rompimento. O amor da Giorgia Meloni pela Europa Unida resistiu intocado. Assim é fácil. Não há esse dinheiro para acalmar Marine Le Pen. E, ademais, a França não é a Itália.

Como o senhor está vendo a questão entre Israel e Gaza? Para onde vai o conflito?
Para o bem ou o mal, a agonia dos palestinos — e a própria do presidente de direita Benjamin Netanyahu — tem data para ser decidida: 5 de novembro de 2024, dia das eleições presidenciais americanas. Até lá, a situação, creio, estará resolvida. O debate entre Kamala e Trump em 10 de setembro mostrou isso. Kamala foi cautelosa, disse que respeita e ama muito Israel, vai garantir a existência do país, mas tem muito respeito pelos palestinos e, se for necessário, fará, sim, a política dos dois estados, o palestino e o israelense. Não vamos tapar o sol com a peneira: Israel é a única democracia do Oriente Médio. É muito provável que tenhamos "duas Israéis" em termos de visão da questão: uma de Netanyahu, dura, dominada por ultra-ortodoxos, contrária a qualquer acordo, e outra democrática, moderna, das statups, que deseja e sonha com a paz para poder crescer e quer entender Gaza como um estado palestino, com direito de existir. Essa segunda situação é exatamente a que se espera caso Kamala vença a eleição. Mas Netanyahu, para usar outra expressão bem nossa, não quer largar o osso. Vai continuar a fazer guerra para se manter e, se Trump vencer, suas chances de continuar no poder, embora desgastado, aumentam muito.

E a guerra entre Rússia e Ucrânia? Está tão carregada no tempo que parece tragicamente incorporada à rotina...
Exato. É muito difícil fazer qualquer previsão porque a questão está embutida nas ideias de continuidade e força da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan. O risco, aqui, não é só da Ucrânia, mas de uma ideia de Europa. A eleição americana de 5 de novembro próximo também será definitiva para este caso. Kamala foi muito clara no debate em marcar sua posição pró-Ucrânia. Trump foi igualmente cristalino ao dizer que termina com essa história antes de tomar posse. Entrega a Vladimir Putin o que ele quer — os 20% da Ucrânia — e acaba a guerra. Trump busca mostrar força e proteger o território americano a qualquer custo. Kamala é adepta da visão histórica de que a Europa é aliada decisiva. Visões distintas. Esse jogo também está à espera do apito de 5 de novembro. ■

> "Há duas 'Israéis': uma de Netanyahu, dominada por ultra-ortodoxos e contrária a acordo, e outra democrática, que deseja paz e aceita Gaza como estado palestino"



FOTO: ABIR SULTAN/POOL/AFP



Inscrições prorrogadas

O mais criterioso e tradicional prêmio concedido pela imprensa às empresas que se destacaram em seus setores está de volta! Pioneiro na inclusão de questões ambientais, sociais e de governança, com uma metodologia consagrada.

Inscreva-se gratuitamente até o dia
30 de setembro de 2024

- Avalie a gestão da sua empresa;
- Participe de uma noite de gala com grandes nomes do mercado;
- Faça networking de alto impacto;
- Veja de perto como grandes empresas estão atuando em áreas de alta relevância;
- Ganhe visibilidade em uma edição especial da ISTOÉ Dinheiro.

Inscreva sua empresa gratuitamente em **asmelhoresdadinheiro.com.br**

ISTOÉ Dinheiro



Safra

QUEM SABE, SAFRA.

("VGBL") destinados a proponentes de previdência privada aberta da Safra Vida e Previdência S.A., inscrita no CNPJ sob nº 30.902.142/0001-05, na qualidade de cotista exclusivo e investidor profissional, conforme definida na legislação da Superintendência de Seguros Privados ("SUSEP") e demais legislações nacionais vigentes e alterações posteriores. A aprovação dos planos pela SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação a sua comercialização. A opção pelo PGBL ou VGBL deve considerar as características tributárias do cliente. Em ambos os casos, o imposto de renda incide apenas no momento do resgate ou recebimento da renda. Entretanto, enquanto no VGBL o imposto de renda incide apenas sobre os rendimentos, no PGBL o imposto incide sobre o valor total a ser resgatado ou recebido sob a forma de renda. No caso do PGBL, os participantes que utilizam o modelo completo de Declaração de Ajuste Anual podem deduzir as contribuições do respectivo exercício, no limite máximo de 12% de sua renda bruta anual tributável. Não são considerados como renda anual tributável os rendimentos isentos ou os sujeitos à tributação exclusiva de fonte. Regras também aplicáveis aos funcionários públicos, contribuintes de Previdência Oficial da União, do estado ou do município. Os prêmios/contribuições pagos aos planos VGBL, por sua vez, não podem ser deduzidos na Declaração de Ajuste Anual e, portanto, este tipo de plano seria mais adequado aos participantes que utilizam o modelo simplificado de Declaração de IR ou aos que já ultrapassaram o limite de 12% da renda bruta anual tributável para efeito de dedução dos prêmios e ainda desejam contratar um plano de acumulação para complementação de renda. Até a ocorrência do primeiro resgate ou obtenção do benefício do plano de previdência (PBGL ou VGBL), o participante poderá optar pelo regime de tributação regressiva (tributação exclusiva na fonte, com alíquotas decrescentes que podem chegar a 10%), sendo a opção IRRETRATÁVEL e DEFINITIVA, mesmo nas hipóteses de portabilidade de recursos e de transferência de participantes e respectivas reservas. A legislação de determinados Estados estabelece a incidência do Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação ("ITCMD") em caso de sinistro previdência. Para mais informações procure um gerente Safra ou acesse o site: www.safraasset.com.br. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditivas e de Fala/SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor/Proteção de Dados: 0800 772 5755 – Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria: caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditivas e de Fala: 0800 727 75 55. De 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados. Ou acesse: www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria.

Carlos José Marques, *diretor editorial*

A CADEIRADA DO FIM DO MUNDO

Chegamos ao fundo do poço na política rasteira, dos interesses pedestres, dos candidatos medíocres e da falta de escrúpulos em tudo que diz respeito à atividade pública. É degradante e lamentável assistir a cenas como a de dois adversários, aspirantes a alcaide da maior cidade da América Latina, se digladiando em xingamentos e pancadaria, indo às vias de fato, como ocorreu dias atrás. De todo modo, previsível ao vislumbramos a que nível chegamos nessas últimas corridas eleitorais. De fato, quando a disputa na principal cidade do hemisfério Sul tem um apresentador de programa sensacionalista debatendo com um influencer estelionatário, o roteiro só pode passar pelo deprimente, pelo que há de menos republicano e de mais midiático. Diverte a plateia como programa de humor, mas destrói o que resta – se ainda existe – de alternativa programática para a gama de carências que acometem a população. Foi sempre assim? Não, está bem pior. Demasiadamente centrada na polarização dos extremistas, a política virou terra de ninguém e qualquer bandoleiro lança mão e se aventura na seara para locupletar-se no poder e controlar os esquemas. É o que se pode chamar de um Estado dominado, em todas as esferas. Fenômeno que vem se agravando. O loteamento escrachado de verbas pelo Centrão, a apatia governamental, a falta de líderes em defesa do interesse público, o jogo baixo dos lobbies que não cessam são sintomas de uma mesma comorbidade. O TSE discute agora ações contra a escalada da violência nas campanhas. Em vão. Arbitrar a paz em meio a essa gente lacradora e barraqueira é quase impossível. Fala mais alto a natureza de cada um. Para o criminoso condenado, acusado de vínculos com as milícias, coach de enganações de velhinhos aposentados, Pablo Marçal, foi o momento de glória, o ápice de sua estratégia para transformar a disputa eleitoral paulistana em uma contenda infame, troca de baixarias sem fim. As eleições municipais em São Paulo estão na lama. Na urna eletrônica, o plantel de alternativas de nomes, em boa parte, constitui uma aberração sem precedentes. Alvo da "cadeirada" que consagrou o fim do mundo eleitoral, Marçal calculou milimetricamente as provocações sistemáticas para deixar irado o adversário e arrancar os momentos de glória que tanto ansiava. Mais que isso, com o telecatch banal pretende reduzir a rejeição que carregava, posando de vítima. Repete assim, passo a passo, os movimentos que o ex-presidente Jair Bolsonaro trilhou logo após a facada para conquistar o posto máximo do Planalto anos atrás. A fórmula funciona? O novo teste está no ar. Ele mesmo, Marçal, assumiu que a "cadeirada" sofrida ao vivo em debate na tevê deverá ter o mesmo efeito, imagina, que o da facada no capitão Messias. No caso de ser bem-sucedido no que almejou, decerto arrancará uma vitória com odor putrefato. Para compor o espetáculo que dirigiu dias atrás, ele se deixou fotografar como paciente no hospital, medicado em meio a uma tomografia que registrava fraturas laterais. O episódio, não há dúvida, funcionou como um turn over na corrida pelo voto, que passa pelo momento mais crucial, a menos de um mês do escrutínio. Especialistas apontaram que a "cadeirada" era antipolítica, antissistema, antidemocrática. Seria mais que isso. Ao carregar como característica uma marca de ações detestáveis, ela reforça a decepção e a descrença de todos aqueles que são obrigados a fazer uma opção. Escolher entre o péssimo e o ruim? Faz diferença? As próximas pesquisas devem demonstrar o efeito prático dessa tática que vai virando terrivelmente corriqueira. Como franco aventureiro, Marçal pode consagrar São Paulo como o novo território da extrema direita, atuando com armas de calibre bem além das de seu precursor Bolsonaro e talvez pontificando na condição da criatura maior que o criador. Hoje, os dois se apresentam como desafetos. Mas não passa de pura encenação. São farinhas do mesmo saco, que se admiram um ao outro reciprocamente. A poucos dias do primeiro turno não há mesmo como esperar coisa melhor. As cartas estão postas, as articulações desenhadas, os conchavos firmados. É esperar pelo resultado de mais uma eleição deturpada pelo grotesco. A eleição da "cadeirada". ■



FOTO: REPRODUÇÃO/TV CULTURA

Sumário

Nº 2850 - 25 de setembro de 2024
ISTOE.COM.BR


32

O TRAIDOR O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, já foi uma incontestável liderança junto aos parlamentares. Atualmente, os seus pares o chamam de "traidor", pelo fato de ter rifado, na sua sucessão, o amigo Elmar Nascimento em favor de Hugo Motta


40

INTERNACIONAL Polícia dos EUA prende um homem armado a quatrocentos metros de distância do candidato republicano, Donald Trump. Segundo os investigadores não haveria um atentado. Mas é, sem dúvida, outro complicador no conturbado ambiente das eleições presidenciais


42

CULTURA De autoria da pesquisadora Catherine Benamou, chega ao Brasil o abrangente estudo sobre o filme que Orson Welles (ao centro) começou a fazer no País, no Carnaval de 1942, mas que jamais foi concluído. A vinda de Welles fez parte da política de boa vizinhança dos EUA


26

CAPA O baixíssimo nível da campanha à Prefeitura de São Paulo é mais uma amostra da morte da política no Brasil enquanto arte do diálogo? Primeiro, o saudável e democrático ato de debater perdeu para o anátema. Agora piorou: assassinatos, tiros, agressões físicas entraram em cena, delineando um estúpido radicalismo que apequena e empobrece a troca de ideias e os programas partidários

FOTO CAPA: REPRODUÇÃO/TV CULTURA
FOTOS EDITORIAIS: SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP; MARTIN COUNTY SHERIFF'S OFFICE/ANADOLU/AFP; REPRODUÇÃO; REPRODUÇÃO/TV CULTURA





Patrocinadora Oficial da NFL

Abasteça e colecione mini capacetes da NFL

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ



MACHADO, NOEL E SÉRGIO RICARDO

Tudo isso cansa, tudo isso exaure, escrevia Machado de Assis sobre os desmandos dos políticos no começo do Brasil republicano. Com certeza, ele vaticinava que assim também seria no espichar do tempo. O "Bruxo do Cosme Velho" acertou. Noel Rosa, crítico mordaz das mazelas brasileiras e sempre irônico, compôs: "e o povo já pergunta com maldade, onde está a honestidade, onde está a honestidade?". Era a década de 1930 e Noel olhava o presente e o futuro. Acertou também.

O País de fato cansa e a honestidade ninguém sabe por onde perambula, em Pindorama de muitos homens públicos patrimonialistas, não importando a eles cuidar dos desgraçados da sorte – os desvalidos, em questão, são as vítimas da catástrofe das águas que aniquilou o Rio Grande do Sul. Pois bem, segundo o jornal O Globo, para operar no reparo dos danos, empresas da área de saneamento, coleta de lixo e limpeza, que estão sendo investigadas ou processadas por desvio de dinheiro público, conseguiram contratos com Prefeituras para integrarem o time da reforma, sendo que alguns desses contratos batem na casa de R$ 239 milhões a serem investidos em municípios gaúchos prejudicados.

O pensador Pierre-Joseph Proudhon escreveu Filosofia da miséria. No Brasil cabe o livro no sentido da miséria moral. Eu defendo, sempre, o Estado de Direito, e essas empresas, que se encontram no alvo da Justiça, possuem o mais pleno direito à defesa. Não se está afirmando, aqui, que são culpadas – têm elas o legítimo direito constitucional da presunção da inocência a seu favor; têm elas o legítimo princípio constitucional do devido processo legal no trâmite de seus argumentos na Justiça. Mas, por que, diante da miséria que cerca os moradores de tantas cidades no Rio Grande do Sul, as Prefeituras não optaram por empresas que não estejam sob investigação?

O homem público é que não deveria ter ido atrás de empresas sob investigações ou processos, o homem público é que deveria zelar pela lisura em um caso no qual se viu pessoas perderem tudo, tudo, tudo, tudo – e, somente porque são recheadas da fé brasileira, do espírito guerreiro brasileiro, da incansável vocação para luta sem repouso, não ocorreu de elas perderem (e não perderão) a esperança de que as coisas vão dar certo. Um pobre ajuda outro pobre até melhorar, nos ensinou o compositor e cantor Sérgio Ricardo. Mas o pobre das chuvas se sentiria melhor ancorado no sonho de ter a vida reconstruída se as Prefeituras do Rio Grande do Sul tivessem contratado empresas sem sombras de eventuais práticas de desonestidade. Tudo isso exaure, tudo isso cansa. E que não se acuse Machado de antirrepublicano e monarquista. Ele apenas era mestre perscrutador da alma brasileira.

por Lia Calder e Thais Françoso

Comunicóloga e

PACTO DO SILÊNCIO

Três investigações conduzidas pelo departamento de Recursos Humanos consideraram Marcos responsável por assédio sexual. A vítima, Sofia, obteve medida protetiva perante o Poder Judiciário. O assediador, no entanto, não sofreu nenhuma punição pela empresa, que possuía política de combate ao assédio e era reconhecida por seu posicionamento em prol da igualdade de gênero.

Sofia passou a sofrer isolamento de superiores e colegas. Ela passou a ser excluída de reuniões e grupos de trabalho, dado ao distanciamento exigido entre ela e Marcos, garantindo que ele ocupasse esses espaços. Sofia seguiu sendo alvo de outras violências por parte do agressor, que se aproveitava de sua blindagem corporativa. As poucas colegas que se pronunciaram em relação ao caso sofreram retaliações e recuaram, adotando o silêncio.

Os nomes são fictícios, mas o caso relatado no paper *Sexually harassed, assaulted, silenced, and now heard: Institutional betrayal and its affects* publicado por pesquisadoras australianas no periódico *Gender, Work and Organization*, joga luz no pacto do silêncio e na traição organizacional que permitem que histórias como a de Sofia sejam realidade para 22,8% dos profissionais em todo mundo. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), este é o percentual de



diretora da 4CO; Advogada e professora do Insper

pessoas que sofreram assédio moral ou sexual no ambiente laboral. Mulheres jovens, negras e migrantes são as principais vítimas.

No Brasil, as denúncias vêm subindo vertiginosamente. Segundo o Ministério Público do Trabalho, os relatos de assédio sexual mais do que dobraram entre 2022 e 2023, quando 24 mil casos foram registrados. Sete em dez denúncias foram feitas por mulheres.

O caso de Sofia ilustra como o assédio contra mulheres não se dá apenas entre o assediador e a vítima. O crime precisa encontrar na estrutura organizacional uma condição propícia para acontecer e se perpetuar. Para as pesquisadoras, a omissão das organizações nesses casos está centrada nas complexas relações de poder que se articulam de forma a preservar os assediadores e trair o compromisso da organização com a segurança das pessoas e, especialmente, das mulheres. Neste processo, o silêncio tem o papel central.

Esse silêncio não é passivo, mas sim um mecanismo padrão de preservação da violência que, no caso do assédio, tem as mulheres como principais vítimas. O pacto do silêncio se reflete nas razões pelas quais metade das vítimas não protocola denúncias: segundo a OIT, para elas, é uma perda de tempo.

Mudar esse cenário não depende apenas de canais de denúncia ou de investigações, mas de garantir a proteção dos que denunciam e de punir agressores, independentemente do nível hierárquico. É preciso agir para que possam falar.

por Cristiano Noronha



Cientista político

LIÇÕES DA ELEIÇÃO EM SÃO PAULO

Há muito tempo não se via uma disputa tão acirrada pela Prefeitura de São Paulo. Pela importância política e econômica da cidade, o pleito desperta a atenção dos observadores da cena política do País.

Quem ocupou a Prefeitura dessa capital viu o próprio nome ser projetado como uma das alternativas à Presidência da República. José Serra (PSDB), Fernando Haddad (PT) e João Doria (PSDB) confirmam essa afirmação.

Serra foi candidato ao cargo de presidente em duas oportunidades (2002 e 2010). Na primeira, foi derrotado por Lula, na segunda, por Dilma Rousseff (PT). Haddad concorreu em 2018 e perdeu para Jair Bolsonaro (PL). João Doria venceu as prévias do PSDB em 2022, mas não chegou a ser candidato por rixas dentro do partido.

Há hoje uma inusitada situação no pleito da cidade, com o empate técnico entre três candidatos, conforme as pesquisas de opinião. Certamente teremos uma decisão em dois turnos, em outubro. Mas, no cenário atual, é difícil prever entre quais candidatos. Guilherme Boulos (PSOL), Ricardo Nunes (MDB) e Pablo Maçal (PRTB) estão tecnicamente empatados em todas as sondagens disponíveis, com cerca de 20% cada um.

A novidade é Pablo Marçal, que se apresenta como candidato antissistema, de direita, sem grande estrutura partidária, mas dominando bem as mídias sociais. Há quem o compare a Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Vale ressaltar que Bolsonaro apoia a candidatura do atual prefeito, Ricardo Nunes, que tenta a reeleição. Em São Paulo, o índice de reeleição é de 50%. Marta Suplicy (2004), Gilberto Kassab (2008), Haddad (2016) e Bruno Covas (2020) concorreram à reeleição. Apenas Kassab e Covas conseguiram.

Em São Paulo, parece ter havido um descolamento de Bolsonaro do bolsonarismo. Isso mostra que, se ele não conseguir reverter sua condição de inelegibilidade, como é a tendência, a transferência de seu prestígio eleitoral não será automática. Dependerá muito de que candidato ele irá apoiar. Outro desafio para o bolsonarismo é evitar uma divisão da direita para 2026.

O eleitorado de São Paulo está dividido, de forma geral, entre um candidato de esquerda (Boulos), de centro (Nunes) e de direita (Marçal). Interessante observar que quando os extremos se encontram nas simulações de segundo turno, eles apresentam uma votação muito parecida.

Em um eventual segundo turno, Ricardo Nunes, candidato visto como o mais moderado, venceria com mais folga qualquer um dos dois adversários: Guilherme Boulos (49,7% a 33,6%) e Pablo Marçal (50,1% a 27,7%). Não à toa Nunes aposta no voto útil do eleitor de centro para vencer no segundo turno.

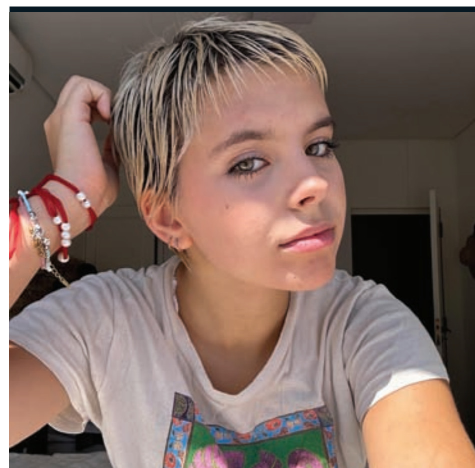
Vale ressaltar, ainda, que o embate político na disputa pela Prefeitura da maior cidade do país tem chamado mais a atenção pelo baixo nível das discussões do que pelas propostas dos candidatos.

Frases

por Antonio Carlos Prado

“É COMUM, ENTRE QUEM É ADICTO E USA SUBSTÂNCIAS PARA COMPOR, ACREDITAR QUE SEM ELAS NÃO CONSEGUIRIA FAZÊ-LO. MAS ISSO É MENTIRA”

NANDO REIS, músico, compositor e cantor, que está lançando seu novo álbum, *Uma estrela misteriosa,* o primeiro que faz sem uso de drogas



“CHEGOU A MIM A EXPECTATIVA DE QUE EU CONTINUE O LEGADO DE MEU AVÔ”

FLOR, neta de Gilberto Gil, que lança seu primeiro disco, *Choro Rosa,* aos quinze anos de idade

“NÃO CONSIGO COMPREENDER QUE ALGO QUE ESTÁ VIVO TEM DE MORRER”

PEDRO ALMODÓVAR, ator e cineasta



“Não levará muito tempo”

LUANA ARAÚJO, médica infectologista, sobre a chegada de uma nova pandemia devido ao descaso e comportamento irresponsável do ser humano com a natureza

FOTOS: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM @NANDOREIS; @FLORGILDEMASI; @FABIOASSUNCAOOFICIAL; @ALICECAYMMI; LUCA CARLINO/NURPHOTO/AFP; MI NEWS/NURPHOTO/AFP

"Tevê é estressante. É como decorar todo o texto da Bíblia"

ANTONIO FAGUNDES, ator

"SOFRI UM SUSTO. DO NADA, EU NÃO TINHA NENHUM CONTROLE SOBRE O MEU BRAÇO, ENTÃO FOI UM POUCO ASSUSTADOR. MAS A BOA NOTÍCIA É QUE EU POSSO TOCAR GUITARRA"

BRIAN MAY, integrante do Queen, referindo-se ao pequeno acidente vascular cerebral que sofreu



"MEUS CINQUENTA E TRÊS ANOS DE IDADE SÃO LIBERTADORES. MUITA COISA PASSA A NÃO TER IMPORTÂNCIA. É O MOMENTO DE SE DESPIR DE DESEJOS QUE NEM SÃO NOSSOS"

FABIO ASSUNÇÃO, ator



"Até hoje é difícil me relacionar com outras pessoas depois de ter convivido com Fernanda. É uma perda muito grande"

ALEXANDRE MACHADO, roteirista, viúvo de Fernanda Young, escritora e também roteirista, falecida há cinco anos



"HOJE HÁ UM FLUXO DE INFORMAÇÃO E DE TRABALHO QUE PROVOCA SURTO COLETIVO DE EXAUSTÃO E DE DISTORÇÃO DE IMAGEM"

ALICE CAYMMI, cantora

por Germano Oliveira

Brasil Confidencial



DECOLOU Depois do apoio declarado de Tarcísio a Nunes, o prefeito de SP subiu nas pesquisas e nem precisou de Bolsonaro

O fator Tarcísio

Bolsonaro criou **Tarcísio de Freitas** e o "elegeu" governador de São Paulo em 2022, apesar de ser carioca. Agora tenta, sem o carisma de antes, ajudar a reeleger **Ricardo Nunes**, mas não vem movendo uma palha para isso. Esperava o quadro clarear para ver se o prefeito tinha chances ou se poderia subir no barco de Marçal. Mas, quando começou o horário eleitoral (Nunes tem 60% do tempo no rádio e na TV), o prefeito finalmente decolou. Foi quando, oportunisticamente, o capitão gravou mensagem apoiando o alcaide e que foi exibida, timidamente, num telão durante jantar no Monte Líbano a 1.500 empresários. Na verdade, o que fez Nunes crescer foi a força de Tarcísio. Os dois não se desgrudam. Se Nunes ganhar – e pode, segundo as pesquisas – o crédito será todo de Tarcísio.

"Mito"

Além de mostrar que Bolsonaro não é o "mito" que imaginava ser, a campanha paulistana explicita que o velho estilo de fazer propaganda eleitoral no rádio e na TV voltou com força. Tanto que Nunes e Boulos, os que têm mais tempo, crescem nesta reta final e, tudo indica, deverão disputar o 2º turno. Datena e Marçal devem ruir após a briga na TV.

2º turno

Todas as principais pesquisas feitas em São Paulo, sobretudo Datafolha e Quaest, apontam para a realização do 2º turno, já que nenhum dos candidatos está perto de fazer, no mínimo, 50% mais um. Hoje, a 15 dias do pleito, daria Nunes e Boulos, com vantagem do atual prefeito no segundo tempo da disputa. A não ser que Lula tire coelhos da cartola.



O choro de Datena

Apresentando-se na campanha à prefeitura de SP como um homem durão, o radialista José Luiz Datena surpreendeu a todos ao chorar durante sabatina na Folha/UOL, na semana passada. Depois de confessar estar frustrado por não ter conseguido convencer o eleitor a votar nele, o experiente jornalista praticamente jogou a toalha: "Se não me eleger prefeito, a política acabou para mim", disse, lacrimejando.

RÁPIDAS

* Muitos se perguntam o que quis dizer Tom Goodhead, CEO do Pogust Goodhead, que processa a Vale lá fora, ao afirmar que trabalha em nome de Lula no exterior. A fala foi em evento na semana passada com a presença de José Eduardo Cardozo e Marco Aurélio de Carvalho, entre outros.

*** As queimadas e a seca histórica já provocaram danos econômicos sem precedentes. Só para o agro paulista, os prejuízos são de R$ 2 bi, com a perda de canaviais e retardando o plantio das safras de soja e de milho.**

* Apesar da proibição de José Mucio (Defesa), 95 fardados disputarão este pleito. A maioria concorre a vereador, mas o sargento Fábio Passos tenta se eleger prefeito em Macaé (RJ). Com 5% nas pesquisas, ele não tem chances.

***Wellington Dias (Desenvolvimento e Assistência Social) informa que vai economizar, este ano, R$ 2 bi com o Bolsa-Família. Atenderá 129 mil famílias a menos e reduzirá os gastos de R$ 168 bi para R$ 166,3 bi.**

FOTOS: YURI MURAKAMI/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO; UOL NEWS/REPRODUÇÃO; RICARDO STUCKERT/PR; DIVULGAÇÃO; AGUINALDO CORREA; LAURENT BLEVENNEC

RETRATO FALADO



"Quem fala em privatizar a Petrobras é um bando de imbecil"

*Em evento com operários da Petrobras em Itaboraí (RJ), na sexta-feira, 13, **Lula** rebatizou o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) em Complexo de Energias Boaventura, com o objetivo de acabar com a pecha de uma das obras mais corruptas da era petista. Desviou-se no local R$ 23,8 bi em obras superfaturadas e outros crimes punidos pela Lava Jato. O presidente defendeu a estatal, dizendo que ela jamais deveria ser privatizada, como deseja a oposição.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

EVANDRO GUSSI, PRESIDENTE DA UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA DE AÇÚCAR E BIOENERGIA (ÚNICA)

O que a aprovação do Combustível do Futuro significa para o País?
A nova lei coloca o Brasil na vanguarda da transição energética. Será um marco para as políticas nacionais dos biocombustíveis, criando um ambiente favorável a novos investimentos em diferentes matrizes energéticas.

Qual a grande inovação do projeto?
Eu diria que é a avaliação de ciclo de vida, para mensurar os impactos ambientais em todas as etapas do processo, desde a extração da matéria-prima até o descarte. Isso é inédito no mundo.



Qual o impacto do setor sucroenergético no Brasil?
Somos responsáveis por 2% do PIB nacional e geramos mais de 2,2 milhões de vagas de trabalho, entre diretas e indiretas, de forma sustentável.

O custo da seca

Embora o PIB esteja crescendo na faixa de 3%, o desempenho poderia ser melhor se o País não estivesse sendo arrasado pelas secas e incêndios desoladores. Além de prejuízos ao desenvolvimento, fatalmente teremos altas de preços dos alimentos e dos produtos eletroeletrônicos fabricados na Zona Franca de Manaus, que são transportados por navios de cabotagem. O custo desse transporte já está aumentando, sobretudo porque os rios da Amazônia estão secos, dificultando a movimentação dos barcos. Na seca de 2023, as operadoras de transporte de cargas fluviais cobravam de US$ 900 a US$ 2 mil por contêiner, e, agora, a tabela subiu para US$ 3 mil e US$ 5,9 mil.

Black Friday

Uma das preocupações dos grandes magazines, especialmente de SP, é que haja desabastecimento de geladeiras, fogões e televisores, por exemplo, no final do ano, sobretudo na Black Friday, que será realizada dia 29 de novembro. Para garantir estoques, as empresas anteciparam para agosto as compras nas fábricas.

Saúde em pauta

Tabata Amaral pode estar distante dos líderes nas pesquisas, mas não lhe falta garra na campanha, sobretudo para se defender as fake news dos adversários. Na sexta-feira, 13, ela se reuniu com médicos renomados para discutir seu plano de governo. Entre eles estavam Silvana Kasinski (Unifesp) e Linamara Battistella (ex-secretária da Pessoa com Deficiência).



Voto inútil

A candidata do PSB mostrou que não deseja apenas concorrer: quer ser opção dos eleitores que procuram idéias novas. Em sabatina ao "Estadão" na sexta-feira, 13, disse esperar que o eleitor não vote em Boulos apenas para deter Nunes e Marçal (os dois da direita). Ela acha que pode ser a alternativa para enfrentar os candidatos bolsonaristas.

O Lide em Paris

O Lide, presidido por João Doria, brilhou no Palácio Élysée, em Paris, na quinta, 12, onde 35 empresários brasileiros foram recebidos em almoço pelo presidente Emmanuel Macron. A comitiva brasileira elogiou Haddad, mas se mostrou preocupada com as secas, com a alta dos juros, da inflação e com o ajuste fiscal em curso. A reunião foi para promover negócios entre os dois países.





Acreditamos em um mundo onde preservar tenha tanto valor quanto produzir.

A **Verdera** nasceu para dar uma destinação mais segura e sustentável aos resíduos das empresas por meio do coprocessamento. Uma tecnologia que transforma esses materiais em fonte de energia limpa, promovendo a Economia Circular.

Nesses cinco anos, trabalhamos muito e nos orgulhamos das conquistas que atingimos junto a nossos clientes e parceiros:



Presente em **23** estados

Líder em coprocessamento no Brasil

+4,7 milhões de toneladas de CO_2 reduzidas

+5,5 milhões de toneladas destinadas de forma sustentável

Assim como a tecnologia, estamos sempre evoluindo. A inauguração da nova planta de trituração em Itaperuçu, no Paraná, elevará significativamente nossa capacidade produtiva, gerando impacto positivo para todos. Somos parceiros dos clientes e da sociedade na busca de alternativas para a gestão sustentável de resíduos.

Essa tem sido a nossa missão. Um compromisso que fazemos questão de renovar todos os dias, desde 2019. **Se, para a sua empresa, os resíduos são um problema, acesse o site da Verdera e venha ser nosso parceiro nessa transformação.**

@verderasolutions | Verdera Solutions | /verderasolutions | @VerderaSolutions | verderasolutions.com.br


Leticia Leal Ferreira
Consultora Comercial AFR
3 anos e 6 meses na Verdera
5 anos
verdera
verdera
omz.ag
VOTORANTIM
cimentos

Coluna do Mazzini

PCC AGORA TEM PUBLICITÁRIO

Um publicitário veterano de São Paulo, A.F. – vamos por ora citar as iniciais, a pedido das autoridades –, foi contratado pela Copape, a famigerada formuladora de combustíveis da facção PCC, para tentar queimar na praça a credibilidade deste colunista. Que feio! Ele foi até atrás da lista de jornais onde este repórter publica as denúncias, mas todos os veículos foram avisados da defesa 'tabajara'. A Copape, denunciada pelo Instituto Combustível Legal, é conhecida pelo MP e a Justiça paulista como braço de lavagem de dinheiro do bando, e alguns de seus proprietários se tornaram réus. A.F. é sócio de uma agência de comunicação mediana e tem grandes clientes na sua carteira. Mas com o histórico de compliance, este novo e surpreendente cliente certamente é o mais relevante, assim que outros atendidos por ele souberem do approach explosivo. O MP sabe do publicitário. A sua ficha, e as montagens digitais que ele tem feito para tentar defender o indefensável, estão a caminho da Polícia.

Sem fatos para defesa do cliente, o publicitário optou por atacar o jornalismo e deu tiro no pé. Seus clientes vão saber para quem ele trabalha

Fé x Poder: homilia da discórdia

Desde a colonização, a Igreja Católica no País se envolve em constrangimentos na seara política pela opinião dos sacerdotes, de qualquer hierarquia. Nesta semana, mais um episódio. O deputado Evair Vieira de Melo (PP-ES) apresentou requerimento na Comissão de Agricultura da Câmara para ouvir o vice-presidente da CNBB, Dom João Justino. Quer que ele explique o teor de sua homilia no Santuário de Anchieta (ES). Recentemente, Dom Justino se manifestou sobre o marco temporal para a demarcação de terras indígenas. Segundo o deputado, da direita, o discurso do clérigo "aponta para preocupante instrumentalização da fé com fins políticos".



O retorno de Jucá

O ex-senador Romero Jucá está radiante com a perspectiva de voltar ao Senado por Roraima. De trânsito suprapartidário, foi líder de Governos seguidos. As pesquisas em Boa Vista o indicam hoje favorito no Estado. Jucá tem a seu favor as duas vagas abertas na Casa e atuação ainda tímida do senador Hiran Gonçalves (PP-RR) – com mandato até 2030.

Bancada carente do PP quer colo de Lira

Semana passada, boa parte da bancada do Progressistas – mais de 25 membros – se reuniu numa casa na Quadra Interna 13, do Lago Sul, em Brasília. O assunto às mesas foi um terço de lamúrias sobre o presidente da Câmara, Arthur Lira, e sua sucessão em fevereiro. Muitos desabafos, alguns elogios, mas principalmente nenhuma aliança formal em torno de seu potencial candidato à Presidência, Hugo Motta (Rep-PB). A despeito da caneta poderosa, Lira não tem a bancada fechada com seus projetos. O grupo capitaneado por um ex-ministro do PT pretende cobrar a conta da sua atenção a demandas, ou votar em outro nome.



FOTOS: BENÍCIO MOREIRA/DIVULGAÇÃO; CÂMARA DOS DEPUTADOS

por Leandro Mazzini



Com equipes: DF, SP e RJ



O deputado em crise existencial

Candidato a prefeito de Montes Claros (MG), o deputado federal Paulo Guedes (PT-MG) passa há anos por curiosa crise existencial. Num registro de candidatura no TSE, ele declarou que nasceu em Manga (MG); e em outra eleição, cravou que foi em São João das Missões (MG). Mas o seu registro escolar cita que ele veio ao mundo em Itacarambi (MG). Em 2014, assinou que tinha educação superior completa, mas recuou para ensino médio completo (2018) e, por fim, superior incompleto (2022). Guedes já se classificou pardo no mesmo TSE, e até o fechamento desta edição era oficialmente indígena.

Do amigo Lula restou essa mágoa

Uma alma ainda ferida na política: Há dias, numa homenagem póstuma ao ex-presidente JK no Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, o ex-ministro Cristovam Buarque - demitido por Lula da Silva por telefone - disse que José Sarney foi o último presidente da República conciliador.

O peso da bancada

Os três potenciais candidatos à Presidência da Câmara estão sendo cobrados pelas bancadas do Centrão para assumirem compromissos com o projeto da anistia aos aloprados que atacaram instituições no famoso 8 de janeiro de 2023. Nenhum deles ainda abraçou a causa, com receio de perder o apoio da bancada petista, com mais de 60 votos.

Busão aqui? Tô fora

Com custos garantidos pela prerrogativa do cargo, congressistas insistem em buscar soluções no exterior. O deputado Abílio Brunini (PL-MT) pediu a realização de visitas da Comissão de Desenvolvimento Urbano, com ônus para a Câmara, às cidades de Stirling (Austrália) e Nanjing (China), para "conhecer o modal Trackless Tram".

NOS BASTIDORES

Ninguém para o TCU

Arthur Lira avisou a aliados que não vai colocar à mesa de negociação, para sua sucessão, qualquer cargo de ministro do TCU. Não faz promessas que não as possa entregar.

Janones & associados

O deputado André Janones, em sua carteirinha da OAB-MG, cita como endereço do seu escritório de advocacia a Câmara dos Deputados, Anexo III, no seu gabinete 580. Falta a placa dos serviços na porta.

Lula atrás de Biden

Lula da Silva estará em Nova York com comitiva de pelo menos 50 pessoas, para a abertura da 79º Assembleia Geral da ONU. O Governo trabalha para confirmar agendas de peso, paralelas ao evento, principalmente um aperto de mão com Joe Biden.

Nas águas de Angra

O apresentador da TV Globo Luciano Huck vendeu seu iate de 130 pés e comprou outro maior, novinho, casco saindo do estaleiro.
A embarcação vai estrear nas águas de Angra dos Reis no próximo verão.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado

RELIGIÃO

Para o papa, nem Kamala nem Trump



TRUMP E KAMALA respectivamente, oposição a imigrantes e apoio ao aborto: o "voto nulo" do papa



OPINIÃO Papa Francisco: contrário à "política antivida"

Para o papa Francisco, o resultado é empate em zero a zero no confronto das campanhas de Kamala Harris e Donald Trump, os dois candidatos (democrata e republicano, respectivamente) à Presidência dos EUA. Empate nessas condições porque ele apóia ambos? Muito pelo contrário: o pontífice critica pontos medulares dos programas de Kamala e Trump, pontos estes que ele classifica como "política da antivida": "o eleitor deve escolher o mal menor entre dois males, porque se trata da desvalorização do humano". **Pelo lado de Trump, o papa o critica duramente devido ao seu discurso no qual reiteradamente se compromete a fechar as fronteiras dos EUA aos imigrantes e os responsabiliza por tudo que ocorre de ruim no país. No campo político de Kamala, o Vaticano discorda frontalmente, como já era aguardado, de suas posições favoráveis à interrupção da gravidez.** Como se vê, dois dogmas (princípios cristalizados) são abordados. As declarações de Francisco se deram em entrevista coletiva a bordo do avião que o transportou de retorno à Itália após peregrinação de quase duas semanas pela Ásia.



AVENIDA PAULISTA São Paulo: risco da alta temperatura associada à poluição

CLIMA

O calor e os perigos para o coração

Não há organismo que se mantenha saudável e estável: calor exacerbado, queimadas, clima excessivamente seco. Assim chegam, sobretudo, as enfermidades cardiovasculares: acidente vascular cerebral, ataque cardíaco, infecções bacterianas e arritmias. Pelo menos 20% das mortes em decorrência de doenças cardiovasculares são provocadas pelo ar poluído. Motivo: a poluição é composta pela combinação de diversas substâncias na forma gasosa. O *Journal of the American Heart Association*, elaborado por cientistas da Penn State University, registra que tais elementos poluentes em contato com o corpo humano por meio do nariz, olhos e da garganta potencializam doenças do coração como, por exemplo, a arritmia. Podem, também, causar bronquite crônica e enfisema pulmonar. A comunidade científica espera que a sociedade se mobilize e se cuide para evitar o colapso do sistema hospitalar. O uso de máscara, ao qual o brasileiro tanto resiste, auxilia e muito na prevenção. E a ingestão de água é essencial: sua carência pode deixar o sangue mais espesso, implicando lenta filtração renal e abrindo as portas a enfermidades cardiológicas.

FOTOS: SAUL LOEB/AFP; TIZIANA FABI/AFP; RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO; DESIGNECOLOGIST/PEXELS; RAUL LUCIANO/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

EVENTO

Renascimento da palavra impressa

É inegável que os suportes digitais abalaram a tradicional palavra impressa em papel. É inegável, também, que assim como houve esse movimento que já faz um bom tempo, o movimento inverso ocorreria e o papel, ainda que lentamente, voltaria a ser fonte de leitura – ***não se trata de bola de cristal, trata-se do desenrolar da história humana e seu constante vaivém.*** *Aos poucos, começamos então a ver sinais de que o papel estava retornando, sem que significasse a morte do digital. No Brasil, esse sinal foi dado na medida em que livrarias, pequenas e não mais no estilo butiques, passaram a ser criadas em algumas capitais, muitas delas múltiplas, outras dedicadas a um único gênero literário. Na semana passada, sua excelência, o livro impresso, demonstrou que novamente se agiganta, e o fez por meio do sucesso sem precedentes da 27ª Bienal Internacional do Livro, em São Paulo. E ela foi dominada pelo púbico jovem – dos setecentos e vinte e dois mil visitantes (9,39% a mais do que em 2022), jovens entre 18 e 24 anos de idade corresponderam a 43,3% dos compradores. "Cabe a nós, editoras e livrarias, identificar os elementos que fizeram esse público jovem se sentir mais representado e repetir isso", disse Gerson Ramos, diretor comercial da Editora Planeta. "O interesse crescente pela leitura é um marco muito significativo", avaliou Vanesa Oliveira, gerente da Editora Intrínseca. Aqueles que são vidrados em internet talvez achem que ela foi uma bomba atômica no mercado editorial. Erro crasso. Faliram as desnecessárias megalivrarias; a palavra impressa, não.*





27ª BIENAL DE SÃO PAULO
Os jovens tomam conta de quase todo o espaço: crescente interesse pela literatura



FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Eduardo Marini
EDITOR-EXECUTIVO: Felipe Machado

EDITORES
Luiz Cesar Pimentel e Vasconcelo Quadros (Brasília)

REPORTAGEM
Ana Mosquera, Alan Rodrigues, Denise Mirás, Marcelo Moreira, Maria Ligia Pagenotto, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)

COLUNISTAS E COLABORADORES
Cristiano Noronha, Elvira Cançada, Erika Mota Santana, José Vicente, Laira Vieira, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Guedes, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Wagner Rodrigues
DESIGNERS: Cleber Machado e Therezinha Prado
WEB DESIGN: Alinne Nascimento Souza

AGÊNCIA ISTOÉ
Editor: Frédéric Jean

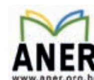
APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

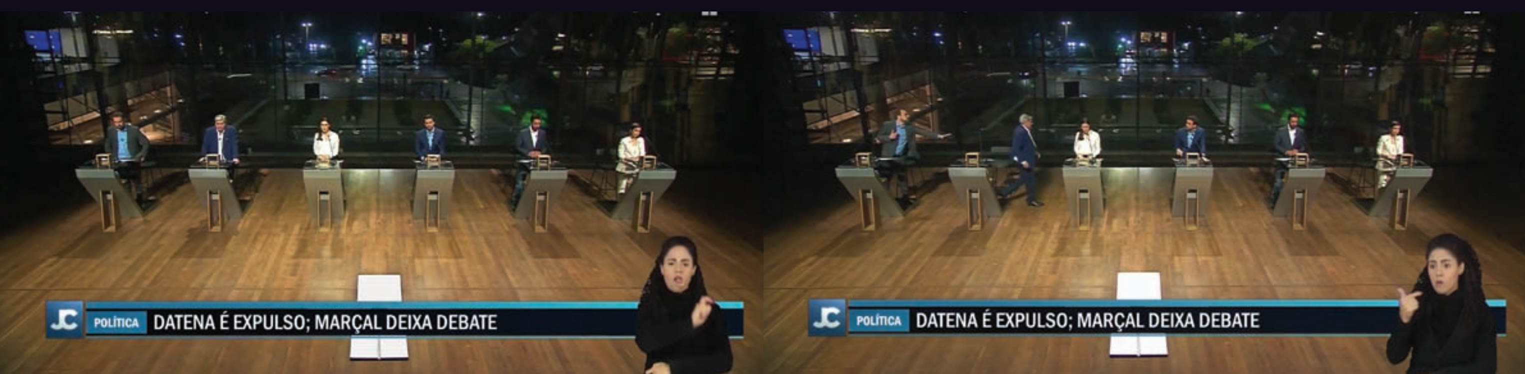
MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

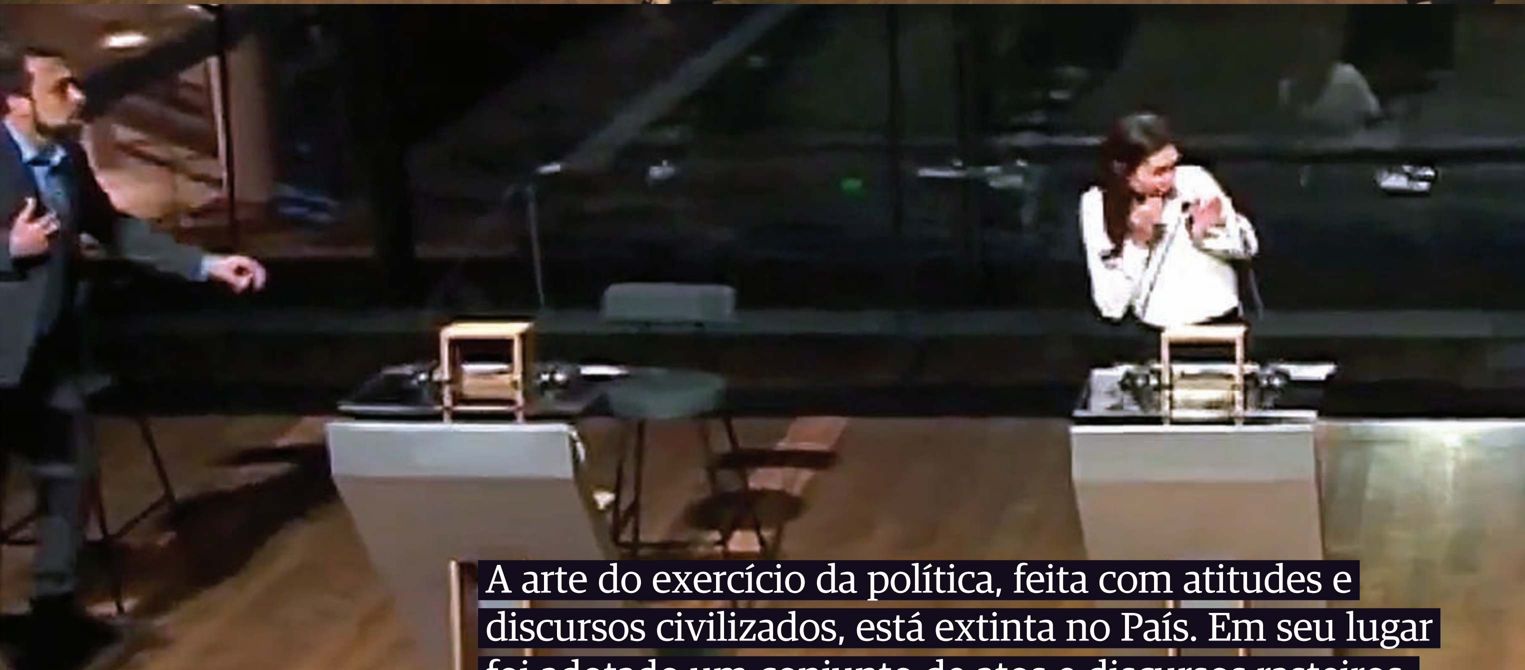
Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
publicidade1@editora3.com.br
Diretora de Publicidade: Débora Liotti
deboraliotti@editora3.com.br
Gerente de Publicidade: Fernando Siqueira
publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação ·
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda ·
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200
Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP







A arte do exercício da política, feita com atitudes e discursos civilizados, está extinta no País. Em seu lugar foi adotado um conjunto de atos e discursos rasteiros, violentos, instaurado com orgulho durante o governo Bolsonaro, que contamina todos os setores da sociedade. Para quem alimenta esse esgoto não existe adversário com direito a pensar diferente: existe apenas inimigo

Vasconcelo Quadros e Eduardo Marini

A BAIXARIA EM DEBATE

FOTOS: REPRODUÇÃO TV CULTURA







Impossível imaginar, em qualquer hipótese, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, intelectual refinado, desferindo uma cadeirada num adversário, ao vivo, em um debate eleitoral. Ou Ulysses Guimarães, o Senhor Diretas, patrimônio histórico da esgrima política, cuspindo termos de bandido de cela como "arregão" (que se rende por medo) ou "jack" (estuprador, gíria adaptada de Jack, o Estripador). Ou Mário Covas, inquestionável reserva ética e moral, nocauteando o rival de campanha com uma cabeçada. Ou ainda Tancredo Neves, mestre maior da negociação, perguntando ao debatedor se ele "cheirou (cocaína)". Mas, no ambiente de esgoto em que a política brasileira está atolada, subproduto dos anos de Jair Bolsonaro, nos últimos dias as cenas foram protagonizadas, na ordem, pelos candidatos à prefeitura paulistana José Luiz Datena (PSDB) e Pablo Marçal (PRTB), e os prefeitos em busca da reeleição Dr. Pessoa (PRD), de Teresina, e Ricardo Nunes (MDB), de São Paulo. São os sintomas mais recentes e deploráveis de que a arte legítima da política, feita com comportamento civilizado, debates nobres e negociações republicanas, foi extinta. A descarga de baixaria contamina a mente de milhões, da direita reacionária do Congresso a militantes e políticos das cidades. Seguindo à risca o lema "quem pensa diferente é inimigo", do manual de ódio que separa famílias, amigos e uniões afetivas, essa legião de sabotadores da boa convivência segue na caça de votos, vantagens e poder a qualquer preço.

Na campanha presidencial de 1985, Tancredo Neves foi questionado sobre a declaração de Lula criticando sua opção de recorrer ao Colégio Eleitoral diante da derrocada da emenda das Diretas-Já. "O Lula disse que o senhor acende uma vela a Deus e outra ao Diabo", provocou um jornalista. "Verdade, mas ao menos acendo uma a Deus", alfinetou a velha raposa, procurando tirar vantagem do flerte do então sindicalista com os comunistas, numa época em que as disputas eram travadas com o cérebro e não a golpes de cadeira ou cabeça.

"COMPETE MAS NÃO GANHA"

O mesmo Lula, quatro anos depois, num debate na primeira eleição presidencial da era democrática, arrancaria gargalhadas de adversários como Leonel Brizola, Ulisses Guimarães e Mário Covas ao devolver, com fina ironia, as críticas de Paulo Maluf, que apontou sua inexperiência e se apresentou como único político competente do grupo. "Maluf, você é competente porque compete, compete, compete, mas nunca ganha." A política não era feita em convento, mas era assim, com adversários e não inimigos, que os concorrentes se tratavam. As propostas eram valorizadas e os discursos davam o rumo do que cada candidato ou partido realmente pensavam, um estilo que deu no mais longo período democrático, mas ficou para trás e foi substituído por um novo modelo político cujo retrato se viu com nitidez no debate da TV Cultura no domingo, 15 de agosto: dois candidatos a prefeito da maior cidade do País sem propostas se atracando como numa briga de rua.

Manipulador, provocador, leviano e irresponsável, o empresário Pablo Marçal (PRTB) é o herdeiro mais afinado do novo fascismo que eclodiu com Jair Bolsonaro na eleição de 2018, despertando a direita envergonhada, órfã da ditadura que a sociologia e os políticos percebiam, mas não souberam interpretar. As novas tecnologias digitais e as redes sociais que se conectam pela internet deram o tom ao novo que viceja como joio embalado pelas fake news. Do outro lado, José Luiz Datena (PSDB), que se notabilizou por comandar na tevê programas policiais sensacionalistas, assume a candidatura, após uma série de desistências, com um vexame por demonstrar que seu equilíbrio emocional não resiste à menor mentira de um provocador contumaz.



CABEÇADA Prefeito de Teresina, Dr. Pessoa (PRD), agride o candidato do PSOL, Francinaldo Leão, durante debate na Band

Marçal e Datena são o fundo do poço da política. Não há na cadeirada nada que lembre criadores do PSDB, como Fernando Henrique Cardoso, Covas, José Serra ou Franco Montoro, integrantes de uma era em extinção que ajudou a redemocratizar o País, trazendo de volta a liberdade política que o bolsonarismo e a direita tucana a reboque tentam insistentemente avacalhar. Todos, sem exceção, da geração que fazia política, disputava, vencia mas também sofria derrotas fortes, como Maluf e Lula, e, democraticamente, aceitavam.

Bolsonaro, não: entrou em depressão e foi buscar a cura semeando ódio e buscando apoio popular, com milhares de lunáticos acampados em frente a quartéis para tentar convencer as Forças Armadas a aderir a um golpe de Estado repelido pelos poderes institucionais e algumas forças ainda invisíveis. Agora, em um chororô infanto-juvenil, faz das tripas coração para conquistar anistia de processos em que ainda sequer foi julgado e condenado. O pensamento do "mito" se espalhou e, ainda que rache a própria direita, encontrou ressonância em centenas de personagens como Marçal, que se espalham pelo País.

Eles estão nas eleições municipais e, em especial, no Congresso, onde os espaços de negociação, antes comum na velha política, deram lugar ao bizarro e aos berros de extremistas que atuam com um olho nas vantajosas emendas parlamentares e outro no celular, para produzir conteúdo de lacração nas redes sociais. "De Hitler e Musso-

MAUS EXEMPLOS

A turma atual do partido da baixaria teve modelos importantes de inspiração. Relembre alguns

JAIR BOLSOSNARO A MARCA DA INTOLERÂNCIA O clima de tensão política foi elevado a patamares inéditos a partir do início do seu governo, separando famílias, grupos de amigos e até mesmo uniões afetivas





Esses tipos aparecem de forma messiânica, como salvadores da pátria, nos momentos em que surge um vácuo de poder entre a classe política desacreditada e a população em dificuldade”
Ricardo Guedes, PhD pela Universidade de Chicago e CEO do Instituto Sensus

lini aos dias atuais, esses tipos aparecem de forma messiânica, como salvadores da pátria, nos momentos em que surge um vácuo de poder entre a classe política desacreditada e a população em dificuldade”, explica Ricardo Guedes, PhD pela Universidade de Chicago e CEO do Instituto Sensus. “Javier Milei, na Argentina, Donald Trump, nos EUA, e Fernando Collor e Bolsonaro no Brasil são casos típicos.”

Cientistas políticos vinham alertando que a baixaria na campanha não é fato isolado. Reflete também um modelo ultrapassado de debates favorável apenas a oportunistas como Marçal e Datena, que se beneficiam da falta de legislação sobre uso da internet e usam os 15 minutos de glória em debates ao vivo para produzir o insólito conteúdo que irá alimentar suas redes sociais. O sociólogo Carlos Melo, do Insper, disse em um programa de tevê que a política saiu de um padrão em que os candidatos pensavam no País para outro que foi rebaixado e que vem ocorrendo uma espécie de revolução sem parâmetros que a ordene nessa nova era digital. “O modelo esgotou. Há muito tempo as redes adquiriram um tom dramático.”

Pesquisas também apontam que a motivação de novos filiados ao universo paralelo da política é o ódio, a aversão a adversários e o uso maldoso da indignação social para atacar a própria democracia como modelo, o que explica a fissura social que polarizou o País, sem que haja uma luz no fim do túnel que ilumine a racionalidade política. Não faz tanto tempo, PT e PSDB travaram uma disputa de meio século pelo poder. Havia denúncias, divergências acaloradas, mas nem Lula nem Fernando Henrique alimentaram o ódio usado como combustível pelo bolsonarismo para dividir o País.

Lula perdeu várias eleições presidenciais para os antigos tucanos, mas foi curar as feridas e depois venceu. Nenhum dos dois deixou de reconhecer a vitória do adversário, o que tornava a democracia civilizada e atraente. Já o bolsonarismo é autoritário, não respeita regras, dá de ombros quando flagrado no crime, investe no caos e só aceita resultados que lhe convém. Esse sempre foi o estilo do o ex-capitão, que antes de disputar a presidência passou 30 anos no Congresso como deputado pregando o ódio, a ponto de afirmar que personagens como Fernando Henrique deveriam ter sido assassinados e que a ditadura deveria ter eliminado pelo menos 30 mil oponentes, para se igualar aos bárbaros regimes.

“NOVILÍNGUA DO FASCISMO”

A grande pergunta que se faz é: por que o País chegou ao fundo do poço? Uma das explicações é o vazio deixado pela geração que envelheceu e saiu de cena sem abrir caminho para novas lideranças preparadas para o exercício da política nos



PAULO MALUF
BOCA AFIADA QUE NÃO CALA
Era craque na tarefa de interromper interlocutores sem respeitar regras. Numa dessas ocasiões, em um debate, recebeu de volta, de Marta Suplicy, um grito de “cala a boca, Maluf”



FERNANDO COLLOR DE MELLO
MENTIRA E APELAÇÃO
Deu vários golpes baixos na campanha, incluindo colocar na tevê a mãe de Lurian, filha de Lula, dizendo que o então rival a teria pressionado para abortar. Seguiu na mesma toada no poder, até sofrer impeachment



ROBERTO JEFFERSON
GRANADA E BALA NA AGULHA
Fechou uma trajetória política tumultuada disparando 50 tiros e lançando três granadas contra agentes da Polícia Federal que foram em sua casa para prendê-lo

FOTOS: REPRODUÇÃO/PORTALBANDPI; HO/YOUTUBE JAIR BOLSONARO/AFP; MAURICIO LIMA/AFP; CHICO FERREIRA/FOLHAPRESS; REDES SOCIAIS

novos tempos de comunicação, o que favoreceu o surgimento de um extremismo forte, alicerçado em grupos evangélicos que não leram e, se leram, não entenderam os textos bíblicos. Do grupo do agro, que, diante dos extremos climáticos, quer mais leis ambientais flexíveis, para continuar degradando em nome da defesa alimentar pelo "bem" do planeta, ao dos que atuam em nome da segurança pública fazendo barulho por leis penais mais duras, sem apresentar propostas.

O historiador Francisco Teixeira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), definiu o estilo da nova direita como a "novilíngua do fascismo", mais elaborada do que a chamada fake news e incorporada aos usos e costumes da política atual. "Os fascismos induzem, conscientemente, a uma postura de produção do ódio, transformando o jogo político tradicional numa luta letal de 'nós' contra 'eles', na conhecida dinâmica de 'amigo/inimigo.'" Ele diz que, desde a emergência da nova extrema direita fascista, o uso constante da "novilíngua" por parte de arrivistas e aventureiros que se dizem "não-políticos", antissistema e libertadores "empobreceu a política, o debate político tradicional e aumentou o grau de violência verbal e física nas democracias liberais. O público, desinteressado nas razões claras da inflação, do valor da mercadoria ou do aquecimento global, prefere, como num auditório de televisão, pautar-se pelo maior número de lacrações proferidas por seu candidato, pouco se importando com a comprovação e veracidade das afirmações".



Mentiras são apenas locuções verbais desse idioma subvertido onde o fundamento teórico é não discutir, e sim ofender, para gerar memes e lacração"

Francisco Teixeira, historiador e professor da UFRJ

Teixeira afirma que, no Brasil, assim como nos EUA ou Argentina, o novo estilo virou a ferramenta fundamental para apontar problemas do "inimigo conveniente". "O importante nessa nova forma", destaca, "é usar repetidamente expressões como liberdade, pontuada por linguagem corporal agressiva e amedrontadora, que se confunde com fake news, como fez Donald Trump afirmar, diante da perplexidade de Kamala Harris, que em Springfield eles (os estrangeiros, sobretudo haitianos) comem gatos e cães."

Ao acusar Guilherme Boulos de uso de drogas ou "ameaçar" o mesmo adversário apontando uma carteira de trabalho, Marçal adota a mesma tática baixa. "Mentiras são apenas locuções verbais desse idioma subvertido onde o fundamento teórico é não discutir, e sim ofender, para gerar memes e lacração", aponta Teixeira. A civilidade como bem da política e da democracia permitiu, por exemplo, momentos como o que Fernando Henrique confessou que estava emocionado ao se atrapalhar passando a faixa presidencial a Lula para o primeiro mandato do adversário de partido. "Estava mesmo. Foi emocionante e histórico passar a faixa a um ex-operário", admitiu na ocasião. Agora, olhando para o contexto, os especialistas enxergam perigo ainda maior no além-fundo do poço em que a política chegou: o novo fascismo pode sair vitaminado das eleições municipais, especialmente nas capitais. Triste decadência. Que o tempo — e sobretudo os candidatos — voltem a fazer bem à política brasileira. ■

BONS EXEMPLOS

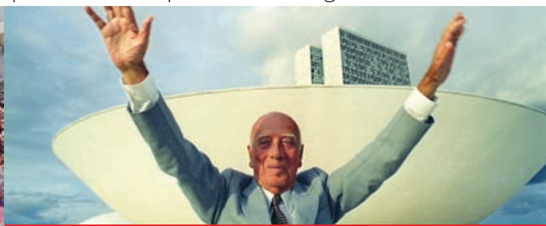
Referências do período em que a esgrima da disputa política era disputada com legitimidade e nobreza



TANCREDO NEVES
MESTRE DA BOA NEGOCIAÇÃO
Conciliador, sensível, observador refinado, foi um dos mais habilidosos negociadores da história política do País, e também um frasista de altíssima categoria



LEONEL BRIZOLA
TALENTO RARO NO DISCURSO
Gaúcho que governou o Rio Grande do Sul e o Estado do Rio, tinha notável habilidade para desviar das armadilhas colocadas nas perguntas por jornalistas e debatedores. Respondia qualquer pergunta apenas com o que queria falar



ULYSSES GUIMARÃES
A FORÇA DO SENHOR DIRETAS
A alta estatura política permitia que ele falasse tudo o que pensava com autoridade, sem meias palavras mas também sem baixo nível. Foi presidente da Assembleia Constituinte de 1988. Uma frase do discurso de promulgação da Constituição entrou para a História: "Temos ódio da ditadura. Ódio e nojo"

FOTOS: ANDRÉ DUSEK; FERNANDO MAIA; RICARDO STUCKERT

O TRAIDOR

Responsável por uma desastrada articulação para fazer de Hugo Motta seu sucessor, interpretada como punhalada nas costas pelo antigo aliado Elmar Nascimento, Arthur Lira perde poder, racha o Centrão e tem futuro incerto fora da presidência da Câmara

Vasconcelo Quadros



MUY, MUY AMIGO
Chamado de traidor por deputados do União Brasil, Lira (à dir.) rompeu acordo com Nascimento (acima, de pé) e melou a sucessão na Câmara. De olho numa vaga de ministro, tentou agradar Lula apresentando Motta (abaixo) como seu novo preferido, mas tudo o que conseguiu foi embaralhar o jogo e rachar o conservadorismo que o apoiava

O impasse sobre as emendas parlamentares, com o fim do orçamento secreto e a obrigatoriedade de transparência e rastreabilidade dos recursos liberados pelo governo, tornaram um inferno a vida do presidente da Câmara, Arthur Lira. Ele vem perdendo tração entre os grupos que lhe deram a maior votação da História em períodos democráticos na disputa pelo comando da Casa, em 2023, com 464 votos. Em menos de duas semanas seu poder como homem forte da política em Brasília foi encolhendo, até forçá-lo a tomar medidas desesperadas, que melaram uma sucessão que parecia estar sob seu controle. O erro mais grave foi romper unilateralmente um acordo com um dos líderes do Centrão, o deputado baiano Elmar Nascimento (União Brasil) que até os carcarás que sobrevoam o eixo dos poderes sabiam que teriam seu apoio na eleição do ano que vem.

Lira age, no entanto, seguindo seu próprio instinto de sobrevivência. De olho numa eventual vaga de ministro após o fim de seu mandato na presidência da Câmara, tentou agradar o Planalto levando à apreciação do presidente Lula o nome do deputado Hugo Motta (Republicanos-PB) em substituição ao de Marcos Pereira (Republicanos-SP), atual vice-presidente da Casa, que havia desistido da disputa.

A manobra foi percebida rapidamente como uma punhalada nas costas por Nascimento e a bancada do União Brasil, que reagiram. O deputado Alexandre Leite (União-



FOTOS: LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL; MICHEL JESUS



-SP) usou uma sessão do Conselho de Ética da Câmara para manifestar o que era dito nos corredores da Casa: "O presidente Arthur Lira traiu o deputado Elmar. Ele traiu o nosso líder. Não há ninguém mais descontente com ele do que nós". A rebelião liderada pelo partido mais numeroso do Centrão forçou Lira a adiar o anúncio de seu novo preferido. Mas já tinha perdido o apoio de Nascimento, até então seu aliado e amigo pessoal.

MANOBRA COMBINADA

A escolha do deputado Hugo Motta (Republicanos-PB) foi uma manobra combinada com Lira, mas de iniciativa de Pereira, que até a semana passada disputava a vaga com Nascimento e Antônio Brito (MDB-BA). Ao perceber que não teria chances, Pereira abriu mão da disputa em nome de um parlamentar de seu próprio partido. Aliado também de bolsonaristas como o senador Ciro Nogueira (PP-PI), Motta circula bem entre as bases governistas. Lira então o levou a Lula, que deu a benção que fraturou o Centrão.

Nascimento fechou parceria com Brito para minar o controle de Lira sobre as bancadas conservadoras e foi ao Planalto para se apresentar a Lula como candidato e mostrar que o jogo na Câmara permanece aberto. O gesto de Lira embolou a sucessão. De preferido, Nascimento virou adversário e só reforçou a decisão de competir. "Minha pré-candidatura segue de pé. Nada mudou", disse o parlamentar baiano, que se recusou a atender o pedido de um colega que tentou intermediar uma conversa com Lira. Nascimento cobrou um posicionamento público do presidente da Câmara. Ele lidera o principal bloco do Centrão, com 161 deputados, entre os quais estão vários do PP que eram fieis a Lira.

Brito tem apoio do secretário de Governo e Relações Institucionais da Prefeitura de São Paulo, Gilberto Kassab, e segue com a força do bloco que reúne 147 deputados de seu próprio partido, o PSD, junto com MDB, PODEMOS e Republicanos, que rachou após Pereira tirar Motta do bolso do colete com a manobra clara de colocar a Câmara sob o controle de seu próprio partido.

Especialistas apontam que Lira vive seu pior momento. "Tudo dá errado: Lira está sem poder de liberar emendas de comissão para barganhar com deputados, aliados próximos viraram adversários, o União Brasil cobra acordos firmados, alegando "ter pago" antecipadamente pela eleição de Nascimento ao ceder boas posições em comissões parlamentares no início do ano e Lula entrou com tudo na disputa", avalia o cientista político Leonardo Barreto. Interes-



JOGO PESADO Elmar Nascimento fechou parceria com Brito (à esq.) para minar o controle de Lira sobre as bancadas conservadoras e foi ao Planalto para se apresentar a Lula como candidato e mostrar que o jogo na Câmara permanece aberto. Marcos Pereira, vice da Casa, abriu mão da disputa e acertou com Lira o apoio a Hugo Motta com a meta de ter seu partido na presidência

sa ao governo, lembra ele, tirar do jogo o parlamentar alagoano. O cenário, de acordo com o especialista, sugere que a condição de "kingmaker" de Lira está ameaçada e, por tabela, sua possibilidade de continuar a influenciar os destinos da Câmara em 2025.

Fontes governistas avaliam que uma articulação para neutralizar Lira agradaria Lula, que vê riscos numa eventual vitória do União Brasil na Câmara e no Senado num momento de conflitos ainda não resolvidos na relação entre os poderes. O presidente tem dito que não vai interferir na sucessão no Congresso, mas ninguém acredita. Sem votos nem um nome que possa disputar pela base governista, Lula tem conversado com todos os candidatos. Também ampliou seu estilo de conciliação para tentar interferir fazendo concessões em busca de sucessores de Lira e do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que possam honrar compromissos de pelo menos aplacar os extremistas que pressionam para desgastar o governo e o Supremo Tribunal Federal (STF).

A bancada do PL, fiel ao ex-presidente Jair Bolsonaro, não esconde que votará na sucessão do Senado em um candidato que se comprometa a colocar na pauta, em 2025, um pedido de impeachment do ministro do STF Alexandre de Moraes. O senador Alessandro Vieira (MDB-PI) colhe assinaturas para instalar uma CPI sobre o inquérito das fake news aberto em 2019, o que abriria caminho para desgastar Moraes e o Supremo, o que foi rechaçado categoricamente por Rodrigo Pacheco em um encontro com os expoentes do PL. Os bolsonaristas apresentaram formalmente um pedido de impeachment de Moraes. O senador afirmou que, enquanto for presidente, não atenderá pleitos que possam desgastar o STF.

DANÇA DE CADEIRAS

Encerradas as eleições municipais, em outubro, a sucessão no Congresso vai esquentar e será o palco de mudanças fortes na relação entre os poderes. A disputa movimenta uma dança de cadeiras na Esplanada com uma reforma ministerial que poderá levar ao primeiro escalão do governo Pacheco e Lira, articulação que só vingaria por meio de um acordo que envolva os futuros sucessores de ambos. Em raros momentos o Executivo enfrentou um parlamento tão empoderado no controle do orçamento, no qual abocanha a maior parte dos recursos federais para investimentos, e em decisões e ameaças que agravam as tensões entre os poderes.

Os resultados das eleições na Câmara e Senado envolvem o futuro da governabilidade de Lula, A disputa pela presidência em 2026 e o destino de Jair Bolsonaro que, preso a um labirinto judicial pelos crimes que cometeu, e diante de uma inevitável prisão cuja decisão não passará de 2025, esperneia insuflando bancadas conservadoras para estressar a política em busca de uma anistia que, até que as sentenças sejam definidas, não encontra respaldo legal nem amparo político. "Ao governo não interessa alimentar outra crise nem fazer concessões ao bolsonarismo", disse a **ISTOÉ** um deputado governista. Em meio ao turbilhão, uma coisa é certa: o futuro de Lira não mais a Lira pertence. ■

FOTOS: ZECA RIBEIRO

O HERDEIRO DE ARRAES

Com potencial de se reeleger no primeiro turno, o prefeito de Recife é a grande aposta de renovação do PSB para articular as forças de esquerda no enfrentamento à extrema direita na sucessão de Lula

Vasconcelo Quadros

A duas semanas das eleições municipais, o provável cenário traçado pelas pesquisas é amplamente desfavorável à esquerda na imensa maioria das 27 capitais. Mas há uma exceção: Recife. Lá, se tudo correr como rezam os levantamentos de opinião pública, o prefeito João Campos (PSB) deve vencer no primeiro turno com expressiva votação, resultado que aponta para um possível rearranjo das forças progressistas do país para enfrentar o crescimento da direita e extrema-direita. Bisneto do lendário Miguel Arraes e herdeiro do ex-governador Eduardo Campos, que teve a carreira interrompida pela morte em acidente aéreo em plena campanha presidencial em 2014, aos 30 anos, o prefeito forma com a namorada, a deputada Tabata Amaral, candidata à Prefeitura de São Paulo, o casal de políticos com um pé no Nordeste e outro no Sudeste, sobre o qual o PSB aposta suas fichas num ousado plano nacional que vem sendo costurado nos bastidores para as disputas de 2026. O PSB tem, no entanto, outras duas estrelas cinti-



HERANÇA João Campos se firma como liderança forte no Recife e herdeiro político de Eduardo Campos



lantes, uma ao centro, o vice-presidente Geraldo Alckmin, que governou São Paulo por quatro mandatos, e outra à esquerda, o ministro Flávio Dino (STF), mas se a renovação se colocar como imperativo das novas safras que sucederão o presidente Lula, o prefeito do Recife já é colocado como alternativa.

O presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, não faz segredos. "O João Campos é a nossa principal aposta", cravou à ISTOÉ. "Ele tem um perfil político capaz de representar essa renovação. É jovem, inteligente, dedicado, estudioso e é um sucesso em matéria de política e administração pública. Não é uma cópia do pai nem do bisavô, por ter personalidade e pensamentos próprios". Ele se elegeu deputado federal em 2018, renunciou em 2020 para concorrer à Prefeitura e, caso se reeleja, pode disputar o governo de Pernambuco em 2026. Como é improvável que Lula deixe de disputar a reeleição, é um dos políticos que devem chegar prontos em 2030, numa safra em que estarão enfileirados outros personagens da esquerda, como o deputado Guilherme Boulos (PSOL), que ainda depende de uma vitória no confuso empate triplo em São Paulo para encorpar a trajetória. "Seria importante que o Boulos passasse pela experiência do executivo para a gente ver como ele funciona", alfineta Siqueira, que não esconde uma ponta e felicidade ao comparar os dois perfis: João Campos chegou à Prefeitura aos 26 anos e está tão bem avaliado que deve que deve liquidar a fatura logo no primeiro turno. Todos os institutos dão a ele uma margem entre 74% a 77% das intenções.



MÍDIAS SOCIAIS
Com o DNA do bisavô Miguel Arraes, o prefeito construiu laços políticos e quebrou um tabu na esquerda: sabe se comunicar pelas redes digitais

LÍDER NAS REDES

O cientista político Sérgio Ferraz, da Universidade Católica de Pernambuco, diz que João Campos conseguiu se firmar como liderança num curto espaço de tempo articulando ações administrativas em toda a capital e dominando, ao mesmo tempo, a linguagem e manejo das redes digitais, o que não é comum na esquerda. "Ele não é mais apenas o filho do Eduardo Campos. Num mundo sob ataque de uma extrema direita cruel e violenta, João Campos é um contraponto". Ferraz acha que o prefeito e Tabata despertam curiosidade pela parceria política e amorosa que une duas realidades regionais bem diferentes: "o aspecto interessante é o fato de um político nordestino raiz, de uma classe média vinculado a lutas populares, mas que não uma ideia de São Paulo, se relacionar com uma paulistana que sai da periferia, foi para Harvard e tem uma carreira brilhante e promissora, mas que também não conhece o Nordeste. É um casal inserido na modernidade, que já não tem a hierarquia de gênero, cada um com um projeto independente, mas iguais e sem subordinação. É uma novidade interessante". ■



CASAL NO PODER

São muitos os casais que dividem a cama, a mesa e a política. Mas raros os que vivem tão distantes um do outro, embora envolvidos no mesmo processo eleitoral, tendo como alvo prefeituras de municípios muito diferentes. ***João Campos*** *administra o favoritismo no Recife, enquanto* ***Tabata Amaral****, ambos do PSB, se esforça para sair de um quanto lugar distante dos três primeiros. Os dois se conheceram em 2020 quando o prefeito de Recife, deputado federal em primeiro mandato, se tornou vice-presidente da Comissão de Educação da Câmara. Reunião vai, reunião vem, um jantar aqui outro acolá, e de repente o rapaz se declara, pedindo a colega em namoro como recomendam os bons modos, sem cantadas nem toques que pudessem caracterizar o temido assédio.*
O gesto tirou o sono da deputada, que conta ter telefonado para uma amiga de madrugada para desabafar. "Esse menino pirou". Mas ele não desistiu. Os dois estão juntos há quatro anos e vivem uma relação que a política deve unir ainda mais. Os dois têm 30 anos, vivem o amor e a política, representam o que há de novo para enfrentar os desafios de uma direita extremista que só cresce no País.

FOTOS: SANDY JAMES/ONZEX PRESS E IMAGENS/AGÊNCIA O GLOBO; REDES SOCIAIS



O TURBINADO PLANO MARSHALL

Italiano que liderou a recuperação da Europa há 12 anos diz que a solução para os problemas do continente estão em investimento maior do que aquele que enterrou a Segunda Guerra ***Luiz Cesar Pimentel***

Há 12 anos, o então presidente do Banco Central Europeu, o italiano Mario Draghi, proferiu discurso em que afirmava que faria "tudo o que fosse necessário" para estabilizar a economia européia diante da grave crise enfrentada. O chamado, que ganhou título em inglês "whatever it takes", entrou para a história, e após a recuperação econômica da zona do euro, ele recebeu o apelido de "Super Mario". Pois agora o herói foi convocado novamente, desta vez pela presidente da Comissão Européia, a alemã Ursula von der Leynen, para apresentar uma solução para que o bloco volte a crescer financeiramente e ganhe protagonismo na batalha tecnológica global. Sua resposta veio em um calhamaço de 400 páginas, com o título *The Future of European Competitiveness* (O Futuro da Competitividade Européia), e simplificando ao máximo a recomendação de Draghi – o que o continente precisa é de um novo Plano Marshall, só que ainda mais ousado do

FOTOS: FREDERICK FLORIN/AFP; NICOLAS TUCAT/AFP; RENE HELIER/AFP



2024
MARSHALL 2
Mario Draghi entrega à presidente da Comissão Européia, a alemã Ursula von der Leynen, o relatório em que promete solução para a Europa



1948
MARSHALL 1
Assinatura do plano de recuperação do continente, por 16 países europeus e EUA, onde US$ 13 bilhões foram investidos em três anos

que aquele que tirou a Europa do buraco da Segunda Guerra Mundial.

"Para digitalizar e descarbonizar a economia e aumentar nossa capacidade, os investimentos terão que aumentar ao redor de 5 pontos do PIB e ir a níveis não vistos desde dos anos 60 e 70. Isso é algo sem precedentes. O investimento adicional ocorrido durante o Plano Marshall, entre 1948 e 1951, ficou entre 1% e 2% do PIB", diz o italiano.

As recomendações incluem a redução da burocracia, regras antitruste mais flexíveis para desenvolvimento em áreas como a tecnologia da informação, unificar as políticas de segurança, energia e infraestrutura e reduzir a dependência em relação a países como a China, EUA e Rússia. Ele usa o caso da guerra na Ucrânia para ilustrar a situação de saída abrupta de uma peça do tabuleiro, a maior fornecedora de energia para o continente, Rússia: "A estabilidade geopolítica está diminuindo – e nossas dependências se tornaram nossas vulnerabilidades," escreve no relatório. E complementa com a distância que os Estados Unidos abriram dos europeus nos últimos anos. "Em termos per capita, a renda disponível cresceu quase duas vezes mais nos EUA do que na Europa desde o ano 2000."

AVANÇO TECNOLÓGICO

A principal razão do distanciamento desfavorável foi o não acompanhamento do desenvolvimento de novas tecnologias. "Apenas quatro das 50 maiores techs são europeias", diz. Embora aponte que será preciso fazer escolhas, pois "não teremos a capacidade de sermos, ao mesmo tempo, líderes em novas tecnologias, uma referência em responsabilidade climática e um player independente no palco global".

Um dos países mais citados pelo economista, em viés que muda conforme a abordagem, é a China. O país asiático é visto e apontado tanto como concorrente quanto potencial parceiro, dependendo do tema sobre a mesa. Ele diz, por exemplo, que contar com a produção chinesa seria uma forma rápida e barata de cumprir os objetivos de descarbonização do continente europeu, mas que ao mesmo tempo os chineses constituem ameaça para as indústrias de tecnologia limpa européias. "O problema não é a nossa falta de ideias ou de ambição mas sim o fato de a inovação ser interrompida na fase seguinte: não estamos conseguindo traduzir a inovação em comercialização."

Outro ponto importante, colocado pelo ex-primeiro ministro italiano, é a manutenção da razão de existir do Velho Continente, baseada na filosofia preconizada pelo bloco no tabuleiro geopolítico. "Os valores fundamentais da Europa são prosperidade, equidade, liberdade, paz e democracia em um ambiente sustentável. A União Européia existe para que os cidadãos possam se beneficiar desses direitos fundamentais. Se a Europa não conseguir provê-los – ou tiver que escolher entre eles – ela terá perdido a sua razão de existir. O único caminho é crescermos e sermos mais produtivos, preservando nossos valores de equidade e inclusão social. E o único caminho para a Europa ser mais produtiva é mudar radicalmente." E finaliza com dilema duro: "Chegamos a um ponto em que, sem ação, teremos de comprometer o nosso bem-estar, o nosso ambiente ou a nossa liberdade". ■

REFORÇO Donald Trump aumentou a segurança após nova tentativa de atentado

A bala esquenta a briga

Disputa pela presidência nos EUA tem a segunda tentativa de atentado a Donald Trump e polarização sobre armas mostra potencial de fiel da balança no pleito de novembro

Luiz Cesar Pimentel

O candidato à presidência dos EUA Donald Trump foi colocado rapidamente em um carrinho de transporte de jogadores no domingo, 15, logo após tiros serem ouvidos enquanto praticava o esporte no campo que leva seu nome, o Trump International Golf Club, em West Palm Beach, na Florida. Na memória, a tentativa de assassinato que sofreu durante comício na Pensilvânia, há dois meses, que terminou com um morto na multidão e ferimentos na orelha do candidato. Logo após o susto, sem vítimas, a intenção do discurso passou a ser política, pois nada polariza mais os norte-americanos do que armas. A balança é antagonicamente equilibrada até dentro das duas coletividades que dividem politicamente o país: entre os democratas, 80% são favoráveis à verificação de antecedentes antes da venda de armas; dos republicanos, 70% são contrários a quaisquer restrições.

Tanto que mesmo após o comunicado da rival, a democrata Kamala Harris, após o ocorrido, em que disse estar "profundamente perturbada com a possível tentativa de assassinato do ex-presidente Trump", o bilionário tentou jogar na conta dela e do atual presidente, Joe Biden, a motivação do ataque frustrado. "A retórica deles está fazendo com que eu seja alvejado, quando sou eu quem vai salvar o país, e são eles que o estão destruindo – tanto por dentro quanto por fora", disse Trump.

Fato é que ele se mune de lei bicentenária quando há interesse em arrecadar fundos para suas campanhas e eleitores. A tal Segunda Emenda à Constituição dos Estados Unidos, a que todos os armamentistas norte-americanos recorrem por legitimidade, é uma lei aprovada em dezembro de 1791 e que "protege o direito da população e dos policiais de garantia a legítima defesa, seja por meio de manter ou portar armas ou qualquer equipamento". Na primeira eleição de Trump, em 2016, o principal grupo de doadores de sua campanha foi a National Rifle

FOTOS: ALEX BRANDON/AP PHOTO; JOE RAEDLE/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP; LYNNE SLADKY/AP PHOTO; MARTIN COUNTY SHERIFF'S OFFICE/AP



PROVAS Suspeito deixou para trás rifle e câmera que usou nas 12 horas em que ficou em tocaia



ESCONDERIJO Agentes cercam local onde o suspeito foi visto por meio de cano de rifle nos arbustos



FICHA LONGA Ryan Routh é detido durante fuga. Ele possui várias condenações na Justiça

Association (NRA), que defende porte tanto para caça quanto para autodefesa, com US$ 30 milhões.

Nos oito anos desde então, Donald Trump só titubeou uma vez em relação a controle mais rigoroso de armamentos. Foi em 2018, quando um assassinato em massa em Parkland, na Florida, que ficou conhecido como o Massacre da Stoneman Douglas High School matou 17 pessoas, no tiroteio mais mortal em escola do ensino médio nos EUA. Na ocasião, ele chegou a sugerir verificação de antecedentes para imposição de restrição de porte a pessoas com problemas de saúde mental. Mas logo ele viu uma chance de acenar aos fiéis doadores e sugeriu armar os professores para "aumentar a segurança nas escolas". No seu mandato, ele revogou medida implementada durante o governo de Barack Obama que proibia acesso a armamento a quem possuísse deficiência mental grave, era beneficiário da Previdência Social e incapazes de gerenciar finanças pessoais.

OUTRO LADO

A atual vice-presidente e candidata à cadeira principal na Casa Branca em novembro, Kamala Harris, tem posição divergente e defende controle mais rígido sobre a posse. Na California, quando foi procuradora-geral do estado, ela apoiou medidas como a proibição de armas de assalto, verificações de antecedentes para compradores e a restrição ao porte por indivíduos com problemas de saúde mental e histórico de violência doméstica.

Nas contas de campanhas, as armas carregam tanta atenção quanto os famosos estados pêndulo, aqueles que são disputados eleitor por eleitor, pois o favoritismo é incerto entre democratas e republicanos. Os índices armamentistas norte-americanos são irrefutáveis. Os EUA são a nação mais equipada do planeta, com 393 milhões de armas espalhadas pelo país. Isso significa 120,5 para cada 100 habitantes – 40% das residências familiares possui pelo menos uma. Em comparação, os norte-americanos são 19 vezes mais armados do que os franceses e 33 vezes mais do que os australianos, entre cidadãos de países ricos.

Tal quantidade de munição tem consequência óbvia: o número de mortos de maneira violenta. São em média 48 mil pessoas assassinadas por arma de fogo no país a cada ano. O número de tiroteios em massa (quando quatro ou mais pessoas são feridas ou mortas) não diminui significativamente. Em 2022, ano que foi o mais violento em um quarto de século no país, aconteceram 645 tiroteios do tipo. Em 2023, aconteceram 627. Mesmo assim, o percentual de cidadãos que apoiam maior regulamentação para posse não forma maioria esmagadora, oscilando entre 60 e 65%.

Se a restrição fosse maior, casos como o de domingo seriam mais raros. O suspeito, que fugiu depois que os agentes de segurança de Trump viram um cano de rifle no meio de arbustos, a cerca de 450 metros do candidato, tem longo histórico de problemas com armas. Ryan Wesley Routh, de 58 anos, ficou de tocaia no local por quase 12 horas, das 2h da madrugada até 13h30, segundo registros de seu aparelho celular. Há 22 anos, ele foi condenado por posse de metralhadora automática, tida como arma de "morte e destruição em massa". Em 2010, foi novamente sentenciado por acusações de roubo. Nove anos depois, foi denunciado ao FBI por posse de armamento perigoso, e há pouco tempo, foi para a Ucrânia e tentou recrutar voluntários para lutarem contra a invasão russa no país. ■

PERSONAGEM

por Felipe Machado

1

CIDA

brasileiro

2



FOTOS: REPRODUÇÃO

Hollywood no Brasil
1. Orson Welles acompanha filmagens em Fortaleza **2**. Na praia, de roupa, como um bom "gringo" **3.** Diversão na temporada carioca

DÃO


3

O livro *It's All True — A Odisseia Pan-Americana de Orson Welles* narra a saga do cineasta pelo Brasil, da paixão inicial pelo País à tragédia na frente das câmeras. O filme, que fazia parte de uma estratégia dos EUA para estreitar as relações com a América Latina na Segunda Guerra, nem chegou a ficar pronto

Em 1942, aos 26 anos, Orson Welles era visto como um prodígio de Hollywood. Havia acabado de deixar o mundo estupefato com *Cidadão Kane*, um dos filmes mais revolucionários da história do cinema. O jovem cineasta norte-americano desembarcou no Rio de Janeiro com um projeto audacioso: capturar a essência do carnaval brasileiro em technicolor, tecnologia de última geração utilizada apenas em superproduções épicas. Seu objetivo não se resumia apenas a registrar imagens da festa popular — escondia uma estratégia de política externa. Por meio de uma espécie de intercâmbio cultural, ele queria fortalecer os laços entre os dois continentes como parte da "Política de Boa Vizinhança" dos EUA, que visava melhorar as relações diplomáticas com a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial.

A história virou livro. Catherine L. Benamou, professora de Cinema na Universidade da Califórnia, registrou de forma minuciosa a experiência de Welles em solo brasileiro. *It's All True: A Odisseia Pan-Americana de Orson Welles* (Ed. Unesp) revela a luta do cineasta para preservar o material filmado e o impacto cultural do projeto. Benamou destaca como Welles tentou mostrar a cultura afro-brasileira e a riqueza do samba, propondo uma visão autêntica do Brasil para o público americano.

Welles recebeu uma recepção calorosa ao chegar no Brasil. Vestido de paletó e gravata, ele desembarcou com um chapéu em mãos e, após se instalar no luxuoso Copacabana Palace, fez uma entrevista coletiva. "Vim ao Brasil para aprender", disse. A humildade não com-

Morte no mar

A jornada da jangada São Pedro no Rio de Janeiro: mar revolto afundou a embarcação e matou o líder Jacaré



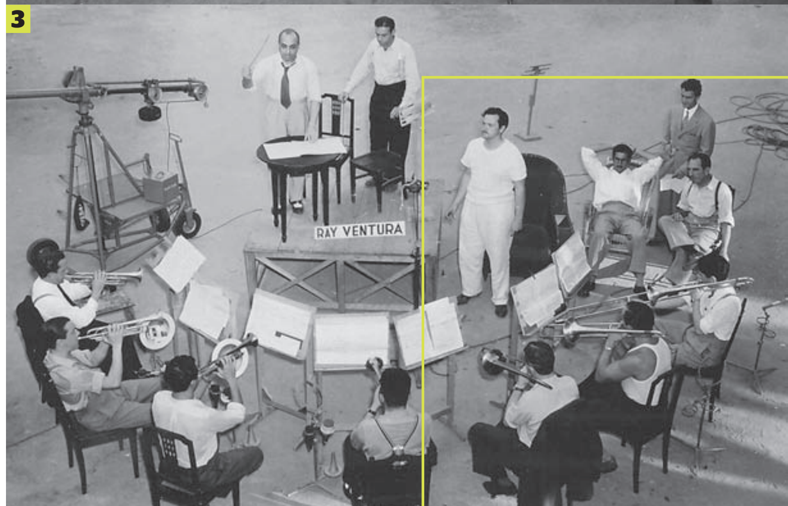
1



2



3



Filmagens no Brasil

1. Orson Welles em ação no litoral cearense **2**. A equipe cinematográfica da RKO Studios, em 1942, usaria a moderna tecnologia Technicolor **3**. Orson Welles (de camiseta branca) dirige um ensiao de *Carnaval*, com a banda de Ray Ventura



binava com ele, mas a confiança de quem logo se sentiu em casa parecia genuína. Welles expressou sua vontade de entender o país e sua cultura, mencionando até uma conexão pessoal, afirmando que "quase" nascera no Rio.

No Carnaval
Cortejo do Rei Momo, no Rio de Janeiro: filmagens históricas se perderam com o tempo

A DURA REALIDADE

O entusiasmo inicial logo deu lugar a uma realidade bem mais complexa. Seu projeto cinematográfico, *It's All True*, visava explorar a diversidade cultural da América Latina, da vida dos toureiros no México, a história do jazz e o Carnaval brasileiro. A primeira etapa das filmagens no Brasil, entre 15 e 17 de fevereiro de 1942, foi um espetáculo vibrante. Welles e sua equipe capturaram o cortejo do Rei Momo na Avenida Rio Branco, shows de frevo no Tijuca Tênis Clube, a movimentação nas gafieiras da Lapa e as folias nas favelas da zona sul carioca. Grande Otelo, Emilinha Borba e Linda Batista, entre outros, participaram das filmagens, refletindo o espírito de diversidade do Carnaval.

No entanto, o projeto logo enfrentou obstáculos intransponíveis. O estúdio RKO e o governo norte-americano tinham expectativas específicas, que não estavam sendo cumpridas. Com as dificuldades enfrentadas durante a produção e a pós-produção, o projeto foi interrompido. A maior parte do material filmado foi perdida ou destruída.

Welles tentou então alterar os rumos do projeto. Em um encontro com o presidente Getúlio Vargas, revelou seus planos de viajar ao Nordeste para reconstituir a viagem da jangada São Pedro, sobre o qual leu na revista *Time*. Em setembro de 1941, quatro pescadores do Ceará partiram de Fortaleza para o Rio de Janeiro em uma jornada de dois mil quilômetros com o objetivo de se encontrar com Vargas e exigir melhores condições de trabalho. O grupo era liderado por Manoel Olimpio Meira, o Jacaré. Welles iniciou as filmagens na Barra da Tijuca, usando uma prancha flutuante para dirigir as cenas com os jangadeiros, que interpretavam a si mesmos. No último dia, enquanto gravava os takes finais, a neblina e o mar revolto causaram o tombamento da jangada São Pedro. A embarcação foi destruída. Os outros três jangadeiros foram resgatados, mas o corpo de Jacaré nunca foi encontrado. "Eu sinto profundamente a morte de Jacaré", declarou Welles, horas após o acidente. "Ele era um homem excepcional, um herói, um líder, uma inteligência viva, interessantíssima. Agora, mais do que nunca, há uma razão para continuarmos filmando. Esse filme será um tributo à memória de Jacaré."

Embora *It's All True* nunca tenha sido completado, o trabalho de Welles e o livro de Catherine Benamou oferecem uma compreensão mais profunda da ambição e da frustração envolvidas nesse projeto cinematográfico. A história de Welles no Brasil é um testemunho da complexidade de tentar capturar e comunicar a diversidade cultural de um povo por meio do cinema, refletindo tanto uma promessa vazia quanto as dificuldades de um projeto grandioso que se perdeu no mar. ■



Um homem comum
Welles à imprensa: "ele não se considera gênio, nem acha que a fama traz felicidade", afirma jornal

FOTOS: REPRODUÇÃO

A voz da razão

Em *Nexus*, o israelense Yuval Noah Harari fala sobre a importância das redes de informação para a evolução humana, mas alerta para os riscos de elas serem dominadas pela inteligência artificial

Felipe Machado

Ao longo dos últimos anos, o debate sobre a inteligência artificial (IA) passou de um tema restrito a escritores de ficção científica e engenheiros de software para uma preocupação global. Figuras influentes da tecnologia, como Steve Wozniak, co-fundador da Apple, e Jaan Tallinn, criador do Skype, já manifestaram temores quanto aos potenciais riscos dessa revolução tecnológica. Em março de 2023, uma carta aberta do *Future of Life Institute*, assinada por líderes do setor, solicitou uma pausa nas pesquisas de IA, destacando "riscos profundos para a sociedade e a humanidade". Pouco depois, Geoffrey Hinton, considerado o "pai da IA", renunciou ao seu cargo no Google, lamentando o impacto de sua própria obra. O alarme sobre os perigos desses avanços parece se intensificar, o que se vê é a valorização do setor, com ações de empresas tecnológicas atingindo picos.

Entre os principais críticos desse avanço desenfreado está Yuval Noah Harari, autor do best-seller *Sapiens*, narrativa sobre a evolução humana que vendeu mais de 25 milhões de cópias. Seu novo livro, *Nexus*, traz uma análise que combina história e um alerta sobre as ameaças da IA. Para Harari, o perigo não reside em robôs assassinos ou máquinas futuristas que escravizam a hu-



"É improvável que populistas de direita como Donald Trump e Jair Bolsonaro tenham lido Karl Marx ou Michael Foucault. Eles se diferenciam muito dos marxistas nas políticas relativas à tributação e previdêncial social. Mas sua noção básica da sociedade e da informação é surpreendentemente marxista, vendo todas as interações humanas como uma luta de poder entre opressores e oprimidos"

Yuval Noah Harari, historiador, em trecho de *Nexus*



AUTORITARISMO
O italiano Benito Mussolini: manipulação e controle da informação

manidade, mas na manipulação traiçoeira das redes de informação. O israelense argumenta que o poder de manipular humanos não depende de tecnologias avançadas que conectem cérebros a computadores, mas sim do uso estratégico da linguagem.

Profetas, poetas e políticos já usaram palavras para moldar sociedades ao longo da história. Pois agora as máquinas estão aprendendo a fazer o mesmo, de maneira ainda mais eficiente — e sem a necessidade de impor sua vontade pela violência. *Nexus* traça um paralelo entre a evolução dos sistemas de informação e o impacto desses na formação das sociedades. A tese central de Harari é que, enquanto as democracias se caracterizam por redes transparentes de informação, nas quais os cidadãos podem verificar e corrigir dados incorretos, as ditaduras são fundamentadas no controle da informação, não em sua veracidade. A IA, alerta ele, pode inclinar essa balança, criando sistemas nebulosos e autônomos, capazes de gerar e manipular informações até por conta própria, sem a necessidade de intervenção humana.

O livro também aborda os momentos críticos da história em que novas tecnologias da informação transformaram sociedades, mas a um custo significativo. Um exemplo é o impacto da imprensa de tipos móveis, cuja invenção permitiu que o livro *Malleus Maleficarum*, manual de caça às bruxas escrito por Heinrich Kramer, se espalhasse pela Europa, fomentando perseguições violentas. Para Harari, as revoluções tecnológicas da informação sempre trazem progresso, mas inevitavelmente também geram desinformação e fantasias perigosas.

A preocupação com o uso da IA para manipular redes de informação é exemplificada por Harari com o caso de Myanmar em 2016. Algoritmos do Facebook, programados para aumentar o engajamento dos usuários, promoveram conteúdos de ódio contra a minoria Rohingya, culminando em massacres e limpeza étnica. Na medida em que essas ferramentas se tornam mais sofisticadas, a humanidade pode ser manipulada de formas que ainda não conseguimos prever completamente.

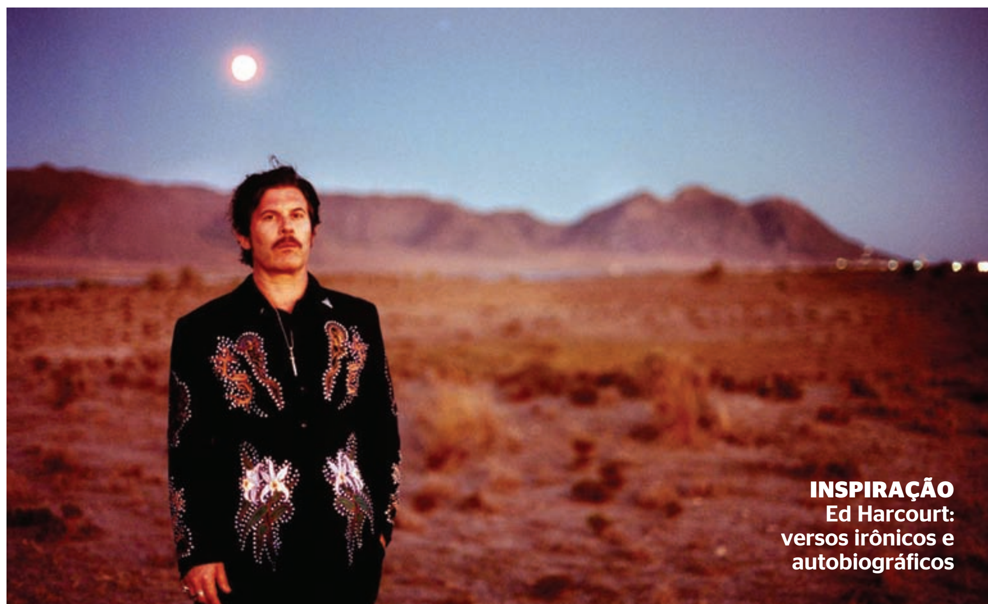
As críticas à IA não são novas, mas Harari traz uma perspectiva de longo prazo ao debate. Seu sucesso e popularidade como autor também fazem com que essa mensagem chegue a toda a opinião pública, não apenas aos experts. Ao explorar as revoluções da informação ao longo da história, ele defende que devemos aprender a lidar com os danos potenciais dessa nova era tecnológica — e que as soluções não podem ser deixadas nas mãos das empresas de tecnologia, cujas motivações são apenas lucrativas. Pode parecer óbvio, mas alguém precisava dizer isso ao mundo — ainda bem que foi um ser humano. ■

UM ALERTA AO MUNDO



Nexus
Uma Breve História das Redes de Informação, da Idade da Pedra à Inteligência Artificial
R$ 75 / R$ 39 (digital)

FOTOS: OLIVIER MIDDENDORP; REPRODUÇÃO


INSPIRAÇÃO Ed Harcourt: versos irônicos e autobiográficos

MÚSICA

As belas canções de Ed Harcourt

O espetacular *El Magnífico*, novo disco do compositor britânico, se destaca pelas letras poéticas e melodias melancólicas

Edward Henry Richard Harcourt-Smith soa como alguém com ascendência real, mas é apenas o longo nome de um jovem artista que prefere fazer tudo à moda antiga. Em vez de ritmos eletrônicos e outras novidades tecnológicas, o compositor britânico Ed Harcourt só se interessa por uma única coisa: a beleza e a força de boas canções. Parece pouco, mas nesses tempos em que as músicas das paradas de sucesso soam iguais, é uma dádiva. Essa característica o levou a lançar um dos melhores álbuns do ano: *El Magnífico* é uma coleção de doze canções compostas ao piano e produzidas pelo próprio músico. Difícil apontar destaques num disco em que todas as músicas são excelentes, mas *El Magnífico*, que batiza a obra, já nasce clássica: "Sempre fui o melhor/ Em sabotar o meu próprio sucesso/ Justo quando o alvo está na mira/ A arma explode no meu rosto", diz o irônico verso de abertura. Seria uma autocrítica? "Ela é um pouco autobiográfica, sim", confessa Harcourt à **ISTOÉ**. "É sobre os ataques ilusórios de grandeza que um homem tem, principalmente quando precisa crescer e aprender a ser mais responsável. Eu passava a noite bebendo e chegava em casa às 6 da manhã. Minha mulher me dava bronca, mas meus filhos eram pequenos e não se importavam com aquilo. Me consideravam um semi-deus, uma espécie de El Magnífico."

UM RESUMO DE TODA A CARREIRA

Com *El Magnifico*, o cantor e compositor Ed Harcourt se distanciou da trilha sonora instrumental de seu álbum anterior, o excelente *Monochrome To Colour*. O artista de Londres volta à sonoridade de seu trabalho de estreia, *Here Be Monsters* (2001), indicado ao renomado Prêmio Mercury. "Para mim, um dos aspectos mais interessantes desse disco é que ele combina com tudo o que eu fiz ao longo da carreira", diz Harcourt.



PARA LER

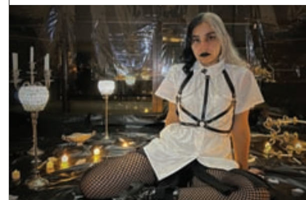
Devido a seus romances de enredos intrincados e repletos de mistério, Javier Castillo foi apelidado de "Stephen King espanhol". ***A Garota de Neve*** foi o livro mais lido durante a pandemia na Espanha e, em 2023, foi adaptado para uma minissérie da Netflix.





PARA VER

Uma das melhores produções do ano chega ao streaming: ***Divertida Mente 2*** estreia na Disney+, para alegria de pais e filhos. Dirigida por Kelsey Mann, a animação trata as emoções da adolescente Riley como personagens da história.



PARA OUVIR

Aos 17 anos, **Ciça Moreira**, cantora revelação de Piracicaba, no interior de São Paulo, já acumula quase dois milhões de plays apenas no Spotify. Após fazer sucesso com o single *A Onda*, a roqueira lança o terceiro álbum, *Síndrome.*

FOTOS: STEVE GULLIK; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; CAMILLA RIOS



SHOW

A rainha da soul music britânica

A cantora **Joss Stone** volta a São Paulo para um show que faz parte da *Ellipsis*, turnê que chega à América do Sul após passar pelos EUA e Europa. Por aqui o roteiro será um pouco diferente: a artista incluiu canções que não constavam do repertório há anos. Joss Stone também promete músicas inéditas que estarão em seu próximo álbum. "Adoro fazer turnês. Quando subo no palco, estou diante de pessoas que validam os motivos pelos quais eu canto. É quando me sinto em casa." A apresentação ocorre no Espaço Unimed em 24/9.



STREAMING

Amizade nas telas e na vida real

A amizade entre dois grandes astros de Hollywood os levou a trabalhar juntos mais uma vez. Os atores **George Clooney** e **Brad Pitt** dividem a tela na comédia de ação *Lobos*, estreia do streaming AppleTV+. Clooney interpreta um profissional contratado para encobrir um crime de grande repercussão. Quando um concorrente entra em cena (Pitt), os dois "lobos solitários" são forçados a trabalhar juntos e acabam descobrindo que a situação fugiu do controle. O elenco conta ainda com Amy Ryan e Austin Abrams no elenco. Direção de Jon Watts.



CINEMA

Drama brasileiro filmado no Chile

Ainda Somos os Mesmos, suspense político estrelado por Edson Celulari, Carol Castro e Lucas Zaffari, é baseado em uma história real. Escrito, dirigido e produzido por Paulo Nascimento (*Teu Mundo Não Cabe nos Meus Olhos*), o longa foi rodado no Chile e no Brasil. O filme retrata um grupo brasileiro que fugiu do exército chileno após o golpe de Estado de Augusto Pinochet e se abrigou na Embaixada Argentina, no Chile, em 1973. Premiado como Melhor Filme Independente no Montreal Independent Film Festival 2023, no Canadá.



TEATRO

Mãe e filha discutem a relação

As atrizes Helena Ranaldi e Martha Meola apresentam no palco do Itaú Cultural, em São Paulo, a peça ***Por trás das Flores***, de Samir Yazbek. No espetáculo, que tem direção de Marcelo Lazzaratto, mãe e filha investigam questões ligadas à sua ancestralidade e ao seu futuro em algum lugar entre o Líbano e o Brasil. A linguagem poética de *Por trás das Flores* ultrapassa o realismo. "Há um painel composto por módulos que lembram teares, como se a trama neles gerada fosse o enredo das memórias da família", afirma Lazzaratto.